Jornal da unesp

Universidade Estadual Paulista
Novembro/90
Ano VI — n.º 52

Faculdade Ciências Farmacêuticas — BIBLIOTECA — Araraquara

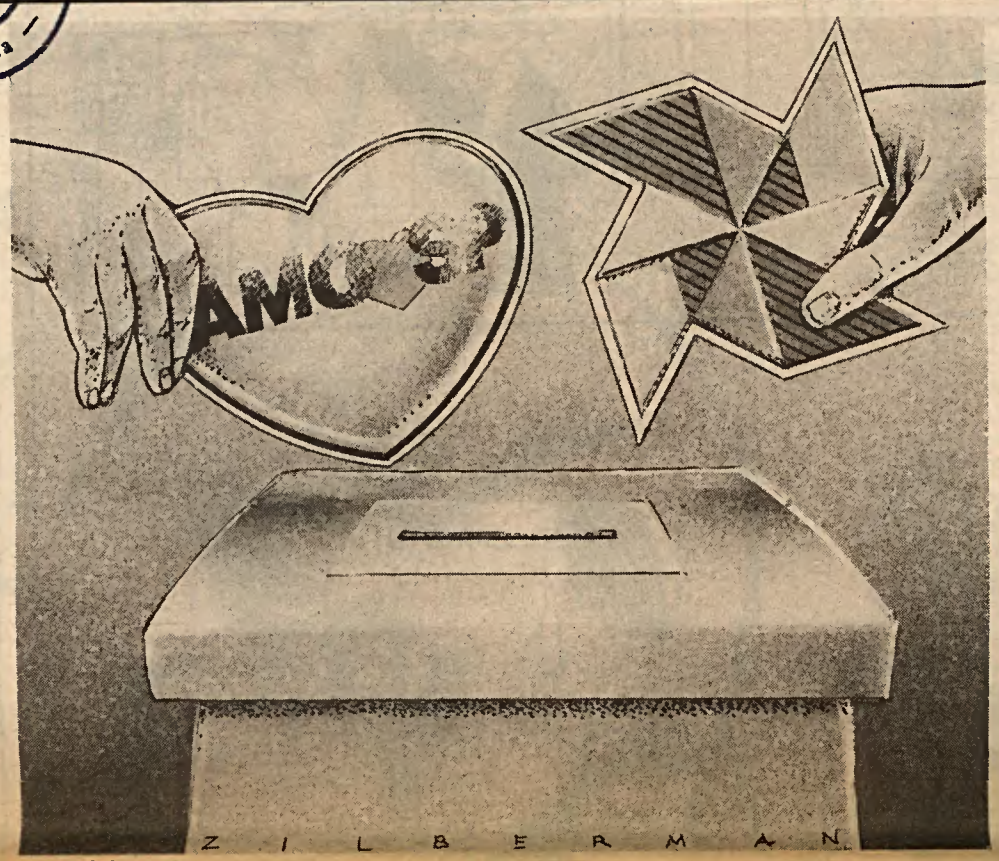
Dentistas têm opção para ouro

Pesquisa odontológica pioneira descobre liga alternativa semelhante ao ouro, com custo cem vezes menor, e aproxima os gabinetes dentários da população. Pág. 7

Editora UNESP recebe o Jabuti, maior prêmio literário do país, pela publicação da *Enciclopédia*, de Diderot e D'Alembert. Pág. 10

●

O sucesso do II Congresso de Iniciação Científica, em Botucatu: 552 trabalhos inscritos e participação de 768 alunos. Pág. 12



SÃO PAULO ESCOLHE SEU GOVERNADOR

Marcos Cintra, da FGV, votará em Maluf. Jorge Nagle, da Fundunesp, prefere Fleury. Eles justificam sua opção nas págs. 4 e 5. (Leia também o editorial *A UNESP e o novo governador,* na pág. 3)

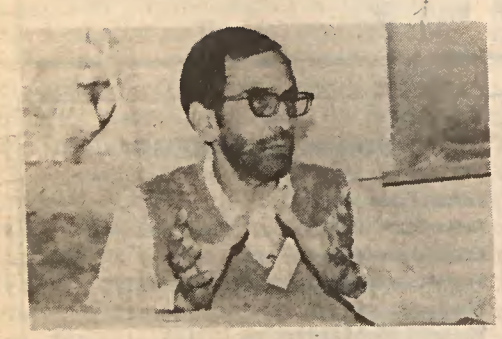
Mais candidatos no Vestibular 91

Cresce 15,94% o número de inscrições para o Vestibular 91: 44.494 candidatos concorrerão às 4.240 vagas oferecidas pela Universidade em 120 opções de cursos. Pág. 12

Acordo com Israel moderniza áreas de Eletroeletrônica e Mecânica com tecnologia de ponta. Pág. 13

●

Centro de atendimento médico, odontológico e social de Araraquara cria modelo para a Universidade. Pág. 6



Entrevista

Professor da Universidade Nacional do México, o historiador Federico Bolaños fala sobre meio ambiente, história contemporânea e dívida externa. Págs. 8 e 9

MACHO OU FÊMEA?

A resposta a esta pergunta, encontrada por pesquisadores da Universidade, através do processo de sexagem, pode salvar da extinção várias espécies de aves, como as ararinhas-azuis da foto. Pág. 16

QUINO

Este cartum foi originalmente publicado no livro *Quinoterapia*, da Editora L&PM

CARTAS

ENTREVISTA

Gostaria de agradecer a entrevista feita comigo e publicada neste jornal na edição de outubro, n.º 51. Correta e sucinta, foi fiel ao meu pensamento e às minhas palavras. Aliás, o jornal todo está ótimo e consegue passar bem a idéia de uma UNESP viva e dinâmica.

Cristovam Buarque, professor do Departamento de Economia da Universidade de Brasília

VETERINÁRIA X ZOOTECNIA

Manifestamos nosso desapontamento com a reportagem "Universidade mostra ao público o mundo da ciência e da cultura", publicada pelo **Jornal da UNESP** na edição de n.º 51, onde se afirma que a área da veterinária apresentou uma exposição de ovinos. A área relacionada à produção animal é de exclusivo estudo da zootecnia; a veterinária ocupa-se com a área de saúde do rebanho.

Assinam 25 alunos do 4.º semestre do curso de Zootecnia da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal

QUALIDADE

Escrevo para agradecer o envio do **Jornal da UNESP** e para parabenizá-los pela qualidade, abrangência e imparcialidade do informativo.

Sebastião de Oliveira Menezes, professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Escreveram agradecendo o envio do **Jornal da UNESP**, entre outras instituições: Biblioteca Paulo Freire, da Universidade do Estado do Pará; Escola de Comunicações e Artes da USP; Biblioteca Pública Cassiano Ricardo, de São José dos Campos; Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal; Serviço de Biblioteca e Documentação do campus de Araraquara; Instituto de Ciências Exatas da Universidade do Amazonas; Biblioteca Central da Universidade Católica de Petrópolis; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Catanduva.

As cartas para o **Jornal da UNESP** devem ser endereçadas à Rua do Carmo, 44, 5.º andar - s/51 - CEP 01019. São Paulo, SP.

unesp

Universidade Estadual Paulista
Reitoria: Praça da Sé, 108 - CEP 01001 - São Paulo, SP.

Campi: Araçatuba, Araraquara, Assis, Bauru, Botucatu, Franca, Guaratinguetá, Ilha Solteira, Jaboticabal, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro, São José dos Campos, São José do Rio Preto e São Paulo.

Autarquia Vinculada: Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" (Faculdade de Tecnologia — FATEC — de Americana, Baixada Santista, Jaú, São Paulo e Sorocaba).
Outras Unidades: Instituto de Física Teórica (São Paulo) e Instituto de Pesquisas Meteorológicas (Bauru).

CONSELHO UNIVERSITÁRIO
Reitor: Paulo Milton Barbosa Landim
Vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento: Arthur Roquete de Macedo

Pró-reitor de Graduação: Antônio Cesar Perri de Carvalho

Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Antônio Manoel dos Santos Silva

Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Carlos Ruggiero

Diretores das Unidades Universitárias: Acyr Lima de Castro, Antenor Araújo, Antônio Carlos Massabni, Bruno Mancini, Carminda da Cruz Landim, Cecílio Linder, Dinah Borges de Almeida, Flávio Abranches Pinheiro, Irineu Bicudo, Irineu de Moura, Jayme Wanderley Gasparoto, Joji Ariki, José Ênio Casalecchi, José Ribeiro Júnior, Lúcia Helena Oliveira Gerardi, Márcio Antônio Teixeira, Márcio Rubens Graf Kuchembuck, Nélson de Araújo, Nélson Múrcia, Nivaldo José Bósio, Paulo César Naoum, Paulo de Tarso Oliveira, Sérgio Nereu Pagano e Tatsuko Sakima.

Representante das Unidades Complementares: Newton Castagnoli.

Representantes Docentes: Ana Maria Ramos Estevão, Antônio Carlos Silveira, Antônio Celso Wagner Zanin, Arleta Nóbrega Z.M. de Campos, Carlos Alberto Penatti, Cristo Bladimiros Melios, Euripedes Alves da Silva, João Alberto de Oliveira, José Aluysio Reis de Andrade, Kleber Pinto Silva, Luiz Carlos Donadio, Luiz Roberto Trovati, Maria Amélia Máximo de Araújo, Mário Balistieri Sobrinho, Myrian Xavier Fragoso, Nariaqui Cavaguti, Odair Correa Bueno, Odeibler Santo Guidugli, Olga Ceciliato Mattioli, Paulo Eduardo de Toledo Salgado, Reinaldo Ayer de Oliveira, Sebastião Hetem, Sheila Zambello de Pinho e Wellingtom Dinelli.

Representantes Discentes: Alexandre Martoni Patiri, Antônio Donizete Fernandes, Carlos Alberto Yara, Francisco Borsari, José Aécio Silveiro Janini, José Gilberto de Souza e Renato Fonseca Barcellos.

Representantes Técnico-administrativos: Adauto José da Silva, Antônio Sérgio Britto, Daltro Brandão, Edmilson de Nola Sá, Gessé Gerardi, João Cardoso da Silva, José Eduardo S. Candeias, José Munhoz Fernandes, Luiz Gonçalves Rodrigues, Maria José Manoel e Maria José R. Martins.

FIESP: Horácio Lafer Piva

FAPESP: Nélson de Jesus Parada

Jornal da UNESP

Editor: Paulo Velloso
Redação: André Louzas e Denise Pellegrini
Editor de Arte: Celso Pupo
Secretária de Redação: Viviane Fernandez
Produção: José Luiz Redini
Tiragem: 20 mil exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.

A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

Endereço: Rua do Carmo, 44, 5.º andar, CEP 01019, São Paulo, SP. Telefone: 37-4479.

Composição, Fotolito e Impressão: DCI - Indústria Gráfica & Editora S.A.

A UNESP e o novo governador

Mariza Dias Costa

Desde a criação da UNESP, na segunda metade da década de 70, à qual foram incorporados todos os então denominados institutos isolados, o ensino superior mantido pelo poder público estadual ficou exclusivamente sob a responsabilidade das três universidades estaduais, que hoje constituem o mais sólido núcleo universitário do país.

A alta qualidade do ensino público superior no Estado de São Paulo e a importante produção científica dessas universidades, que hoje respondem por mais de 50% das pesquisas científicas realizadas no Brasil, decorrem, em grande parte, da autonomia acadêmica que a organização universitária garantiu às atividades do ensino superior em nosso Estado.

Com efeito, de acordo com normas então emanadas do Conselho Estadual de Educação, a partir da criação da UNESP, não mais seriam criadas pelo Estado instituições isoladas de ensino superior. Assim, a criação de novos cursos ou faculdades, bem como a incorporação à rede pública estadual de instituições privadas ou municipais de ensino superior, somente poderiam efetivar-se por intermédio de uma das três universidades estaduais, por decisão do respectivo Conselho Universitário. Dessa forma, o controle da expansão do ensino público estadual de nível superior em São Paulo passou a ser exercido, de fato, pelas universidades estaduais. Tal situação, que manteve à margem de pressões políticas de caráter imediatista o processo de crescimento do ensino público superior no Estado, contribuiu significativamente para a preservação da qualidade dos estudos e para o extraordinário desenvolvimento da pesquisa nas instituições públicas estaduais.

A autonomia universitária, já reconhecida pela Lei de Diretrizes e Bases n.º 5.540/68, foi inequivocamente consagrada na nova Constituição. Em São Paulo, onde jamais se questionou a autonomia acadêmica das universidades estaduais, a efetiva implementação do mandamento constitucional dependia basicamente do advento de condições que assegurassem a essas universidades o pleno exercício da autonomia de gestão financeira. A imprevisibilidade quanto à forma e o momento de repasse, pelo Estado, dos recursos destinados a custeio e a investimentos e a desvalorização da moeda vinham dificultando o planejamento das atividades universitárias, bem como a racionalização e a otimização do uso dos recursos correspondentes à dotação orçamentária de cada uma das três universidades.

Para evitar tais problemas, o Governo do Estado, a partir de 1989, passou a fixar, em termos de percentuais do ICMS, os recursos destinados a cada universidade estadual, ficando assegurado o repasse mensal dos mesmos.

Com a nova sistemática, as universidades passaram efetivamente a gerir os próprios recursos, responsabilizando-se, inclusive, por seu Conselho de Reitores, pela fixação dos índices de reajuste salarial de seus docentes e funcionários, consideradas as demais despesas com custeio e investimentos.

Entretanto, o cálculo do percentual do ICMS destinado às universidades, efetuado sem outros critérios a não ser o da média dos correspondentes percentuais desse imposto, relativos aos respectivos orçamentos nos exercícios de 1986, 1987 e 1988, não refletiu a real situação das universidades, pois incorporou investimentos excepcionais eventualmente realizados no triênio considerado e desconheceu responsabilidades assumidas em 1988, cujos reflexos somente se fariam sentir no orçamento em exercícios subseqüentes. Nesse contexto, a UNESP, que não realizara investimentos de monta nos exercícios considerados para cálculo da média, mas que assumira, no segundo semestre de 1988, a responsabilidade de incorporar os cursos mantidos pelo Instituto Municipal de Ensino Superior de Presidente Prudente e por todas as Faculdades que então compunham a Universidade de Bauru, foi altamente prejudicada.

Assim, em 1987, o orçamento da UNESP correspondia a 2% da arrecadação do ICMS e, em 1988, mesmo com a ampliação da ordem de 60% nas vagas oferecidas em cursos de graduação e de pós-graduação, decidida no decorrer do exercício, o montante dos recursos repassados à UNESP correspondeu a apenas, 1,9% do total arrecadado com aquele imposto, o que obviamente não retratou o extraordinário processo de expansão já em curso. Os custos decorrentes desse processo deveriam repercurtir no orçamento da Universidade para 1989, correspondendo, em termos percentuais, conforme demonstração exaustiva da Universidade, a 2,4% do ICMS. Não foi o que ocorreu.

Em 1989, os recursos destinados à UNESP, calculados a partir da média dos repasses ocorridos nos três exercícios anteriores, corresponderam a apenas 1,94% do montante arrecadado pelo Estado com o referido imposto. Acresce observar que, para o Governo, o referido cálculo não se destinava somente a definir o total dos recursos a serem repassados à UNESP no exercício de 1989. Pretendia-se que a média obtida passasse a indicar, em termos percentuais e definitivos, o montante a ser anualmente destinado à Universidade.

Para o reestudo dessa questão, de nada têm servido até o momento as fundamentadas ponderações da Reitoria da UNESP junto ao Executivo estadual. Portanto, embora em princípio seja inteiramente favorável à atual sistemática de repasse de recursos, a UNESP espera do novo governo a revisão do percentual que lhe foi atribuído, a partir de uma avaliação objetiva e isenta das reais condições da Universidade. Uma outra consideração a fazer ao futuro governador é de caráter mais geral. A propósito da contribuição da UNESP no processo de expansão do ensino superior público e gratuito no Estado de São Paulo, cumpre ressaltar que, ante a impossibilidade de criação de novos institutos isolados estaduais, coube exclusivamente a esta Universidade, pela disposição geográfica de seus "campi", responder aos pedidos de incorporação de instituições de ensino superior mantidas pelos municípios ao sistema público estadual.

Essa situação deverá agora alterar-se, tendo em vista o disposto no parágrafo único do artigo 253 da Constituição Estadual, que prevê a existência de "outros estabelecimentos de ensino superior", além das universidades, no sistema público de 3.º grau do Estado de São Paulo. O dispositivo constitucional acima referido, que abre as portas para a diversificação do sistema de ensino superior no Estado de São Paulo, destina-se, em princípio, a possibilitar a ampliação da oferta de vagas no ensino público e gratuito, sem onerar excessivamente as universidades e, portanto, sem prejuízos para suas atividades de pesquisa. Entretanto, a dimensão e a extraordinária relevância das tarefas a serem imediatamente cumpridas pelo Estado no campo da educação, em todos os seus níveis e especialmente em relação ao ensino fundamental; a necessidade de prover condições que possibilitem às universidades a ampliação de sua capacidade de produzir ciência e tecnologia, bem como a limitação dos recursos disponíveis, exigem o rigoroso planejamento das ações do poder público estadual no âmbito do ensino superior. É imperioso, portanto, que a eventual criação de institutos isolados ou de novas universidades atenda a um rigoroso quadro de prioridades e não se faça ao sabor de motivações políticas circunstanciais, à custa do rebaixamento da tradicional qualidade do ensino público superior no Estado de São Paulo. Conforme preceitua a Constituição Estadual, as diretrizes gerais para a atuação do Estado na educação de todos os níveis e modalidades deverão ser definidas em lei, por proposta do Executivo, e integrarão o Plano Estadual de Educação.

O momento é especialmente oportuno a reflexões dessa ordem: a educação brasileira está sendo inteiramente reformulada em suas bases institucionais nos níveis federal e estadual. O destino do país nas próximas décadas dependerá,em grande parte, do tratamento que será dispensado pelos governos às questões educacionais, e o papel de São Paulo será decisivo nesse processo.

Mais que um simples desempate entre Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB) e Paulo Maluf (PDS), os dois candidatos ao Governo do Estado mais votados nas eleições de 3 de outubro último, este segundo turno, a ser realizado no próximo dia 25, pode ser visto como uma nova opção do eleitor. O resultado das urnas poderá não só orientar o destino do Estado como determinar também os rumos da vida brasileira. Nesta página e na próxima, respectivamente, dois artigos de intelectuais identificados com as propostas de governo de Paulo Maluf e Luiz Antônio Fleury Filho.

POR QUE VOTO MALUF

Fotos: Ag. Folhas/ Fernando Santos

MARCOS CINTRA

O mundo moderno passa por transformações intensas e irreversíveis. Regimes de orientação totalitária e estatizante capitulam ante a pujança do capitalismo moderno. Blocos econômicos se formam integrando e intensificando as trocas regionais. Sucessivas inovações tecnológicas redirecionam quase que diariamente os rumos do desenvolvimento. O capitalismo moderno se estabelece como o regime capaz de sustentar e insuflar essas novas transformações. Mais riqueza é produzida e distribuída. As camadas mais pobres da população têm acesso a benefícios sem par na história recente.

Esse é o cenário que se representa nos países desenvolvidos. Já nos países subdesenvolvidos, como o nosso, o cenário é desanimador. Atraso tecnológico, controle estatal da economia, má distribuição de riqueza, queda do PIB, pobreza generalizada etc.

Cabe indagar qual é a causa desse atraso. Não se pode desconsiderar, sob risco de simplificação, a formação histórica do país. Mas, por outro lado, não há como superestimar sua importância. Somos herdeiros de uma formação cultural e econômica "fora de lugar". Essa herança, numa certa medida, tem determinado nossa conduta histórica, mas não é uma sina da qual não podemos nos liberar, ou um destino ao qual estamos agrilhoados. Creio ser absolutamente possível conduzir o país à modernidade, ao desenvolvimento econômico, com maior distribuição de riqueza e de justiça social. Não se trata de uma quimera quixotesca. Europa e Ásia fornecem exemplos irretocáveis.

É consensual que devemos instituir no país uma economia de mercado, competitiva, criativa, pujante; que o Estado deve interferir cada vez menos na produção e na comercialização de bens e agir cada vez mais naqueles setores que lhes são próprios: saúde, segurança, educação, meio ambiente, transportes. Cabe ao Estado, também, o papel de fomentador do desenvolvimento tecnológico, estabelecendo e gerindo junto ao setor privado uma política para esse setor.

Ao Estado de São Paulo, líder que é da Federação, cabe uma vez mais o papel principal na condução de uma política de modernização.

A quem devemos entregar a condução desse processo? Qual deve ser o seu perfil? De um lado temos um típico burocrata, cuja única atuação executiva frente à Secretaria da Segurança Pública, gerou algumas interrogações.

De outro, temos um empreendedor sintonizado com a economia moderna, com longos anos de experiência, incansável, batalhador, afinado com os novos tempos, de capacidade comprovada.

Vale a pena refletir. O homem é resultado de suas experiências acumuladas e reage segundo esse repertório. Se o que queremos é um Estado dominando a economia, uma burocracia reforçada, tutelando o cidadão, não há dúvida — esse homem é o Fleury. Seu histórico de vida assim o indica.

Agora, se o que desejamos é ingressar no rol dos Estados desenvolvidos com menos controle estatal e mais eficiência — não há dúvida — esse homem é Paulo Maluf, sua experiência o indica.

De minha parte, respeitando o direito que as pessoas têm de discordar — opto por um São Paulo moderno e por isso voto em Paulo Maluf.

Prof. Dr. Marcos Cintra, Diretor da Fundação Getúlio Vargas — FGV

COM FLEURY, PELA DEMOCRACIA

JORGE NAGLE

Há razões consistentes para que os cidadãos democráticos optem pela candidatura de Luiz Antônio Fleury Filho no segundo turno das eleições para o Governo do Estado, marcado para o próximo dia 25 de novembro.

A primeira delas deriva de uma consideração de caráter histórico. Fleury é candidato pelo PMDB, partido que funcionou como eixo organizacional do processo de transição para a democracia ao longo dos anos 70 e 80. Faz parte, por isso, de um movimento que — em sua diversidade de idéias, práticas e estilos políticos — representou um importante instrumento de avanço político e cultural no Brasil. Verdade que o PMDB de hoje já não é mais o PMDB de dez anos atrás: sangrou pela direita e pela esquerda, perdeu quadros valiosos e ainda não conseguiu consolidar uma nova identidade. Mas resiste bravamente e tem conseguido, sobretudo em São Paulo, permanecer como um espaço pluralista e democrático, onde convivem influências distintas, orientações políticas e ideológicas variadas, homens de esquerda, conservadores e liberais, profissionais da política e intelectuais.

A segunda razão é de ordem mais imediata. Diz respeito ao posicionamento perante o Governo Quércia, à avaliação de seu desempenho político e administrativo. Expressão bem acabada da tradição peemedebista e político solidamente plantado em bases municipalistas e interioranas, Quércia compôs um governo de corte pluralista e eclético, com uma ala de "vanguarda" claramente definida, à qual foram entregues secretarias, órgãos e setores vitais para o desenvolvimento de políticas na área social. São estes, entre outros, os casos da Cultura, da Educação, da Ciência e Tecnologia, do Planejamento, da Saúde — justamente aqueles onde é possível registrar avanços e realizações consideráveis. Quércia, por exemplo, foi um dos poucos governadores paulistas a adotar uma política de investimento e dinamização da Cultura. O sistema unificado e descentralizado de Saúde é uma realidade em São Paulo. Na área da Educação, os projetos da jornada única e da municipalização, ainda em implantação, oferecem uma alternativa plausível e promissora para o enfrentamento dos graves problemas escolares de São Paulo. Além do mais, em seu governo, as três universidades públicas paulistas chegaram à plena autonomia política, administrativa e financeira, reivindicação antiga de seus professores, funcionários e estudantes; através de uma nova articulação com a Secretaria de Ciência e Tecnologia, foi criado o Conselho de Reitores das Universidades Estaduais, órgão responsável pela ampliação do entrosamento entre as nossas instituições públicas de ensino superior. Claro que nada disso nos livrou de limitações e dificuldades (no caso das universidades, por exemplo, sabe-se que os índices a elas atribuídos em termos de orçamento são insuficientes, os salários continuam defasados, há carências de várias ordens etc.), mas abriu-nos novas perspectivas de atuação, forçou-nos à criatividade e à renovação. Tudo somado, os indicadores favorecem a avaliação global positiva dos quatro anos de Quércia em São Paulo.

Por último, em favor de Fleury, há todo um leque de motivos de natureza política, que partem de uma análise da situação atual e apontam para o futuro. Antes de mais nada, é preciso considerar a dinâmica de um processo eleitoral organizado em dois turnos. Foi o ex-governador Franco Montoro quem destacou, com muita propriedade (*Folha de S. Paulo*, de 30/10/90), que o segundo turno "não é um simples desempate pessoal entre os dois primeiros colocados, mas a oportunidade de uma nova opção pelo eleitorado", cabendo por isso aos partidos e lideranças da sociedade "procurar entendimentos com uma das candidaturas, para a formulação de pontos de um programa mais amplo, que possa oferecer à população novas alternativas". Isso quer dizer que os democratas não podem deixar de buscar uma inserção ativa na atual disputa eleitoral, especialmente quando se reconhece que estão frente a frente duas candidaturas que fizeram parte de lutas e campanhas muito distintas, possuem biografias políticas diversas, estão posicionadas de modo totalmente diferenciado na vida nacional, abrem perspectivas completamente distintas para a continuidade do processo político e da luta democrática. Além do mais, é preciso pensar as eleições paulistas em escala federativa, vê-las como verdadeiro centro nervoso da política nacional. O resultado das urnas do segundo turno determinará muitos dos rearranjos e projetos que tentarão organizar a vida brasileira da próxima década; também irá interferir na conduta futura do atual governo federal, seja no plano político, seja no plano econômico.

Aqueles, como nós, que acompanharam e participaram dos embates dos últimos anos, têm tudo para perceber e qualificar as contraposições presentes nesta disputa entre Fleury e Maluf. Eles não são candidatos "farinha do mesmo saco", como às vezes se diz em alguns ambientes mais despolitizados. Muito especialmente nas universidades estaduais, como não recordar o que representaram os anos de 1979-1982 em termos de falta de liberdade acadêmica e autonomia, de cerceamento da participação e de baixos salários? Do mesmo modo, não é difícil comparar a gestão do Estado na área social daqueles anos com o período mais recente, repleto de conquistas e melhorias. Maluf já mostrou do que é capaz a sua alegada "experiência administrativa", e a sociedade não o aprovou, rejeitando-o em seguidas eleições para cargos executivos. Fleury traz consigo o compromisso e a oportunidade de potencializar os acertos do Governo Quércia, que a sociedade tem aprovado. Maluf fez sua carreira política sob o patrocínio direto do autoritarismo e mantém fortes vínculos com as forças conservadoras: Fleury é candidato por um partido nascido e crescido no campo democrático e projetou-se para a política como integrante de um governo eleito livremente nas urnas. Não há termo de comparação entre os dois.

Por tudo isso, acredito que os cidadãos democráticos de *São Paulo* não têm motivo para permanecer distantes do presente processo eleitoral, despreocupados em relação ao seu desfecho. A candidatura de Luiz Antônio Fleury não pode ser equiparada à de Maluf, nem tratada simplesmente como a "menos pior". Por tudo o que o PMDB representou e representa na vida nacional, pelo valor político e intelectual de muitos de seus militantes e colaboradores, pelos resultados positivos do Governo Quércia, a candidatura Fleury oferece garantias mais do que razoáveis para a continuidade democrática e o desenvolvimento de São Paulo. Funciona como contrapeso da onda conservadora desenhada após as eleições do último dia 3 de outubro. E mantém viva a presença de uma vertente progressista no governo estadual de São Paulo. Sua vitória será, sim, a vitória de um partido imperfeito, heterogêneo, ainda em busca de identidade. Será, sim, a vitória de um governador que sabe fazer política, tem projetos próprios, é respeitado pela população embora não goze da unanimidade dos paulistas. Mas será, sobretudo, a viabilização da continuidade democrática, a chance efetiva que temos de prosseguir buscando a redefinição das práticas políticas e das relações entre Estado e sociedade.

Prof. Dr. Jorge Nagle, ex-reitor da Universidade Estadual Paulista - UNESP - e presidente da Fundunesp - Fundação para o Desenvolvimento da UNESP

SERVIÇO

Um novo padrão de atendimento à saúde

Em Araraquara, centro médico e odontológico cria modelo para Universidade

O número 1.615 da rua Voluntários da Pátria, na região central de Araraquara, está se tornando um endereço conhecido entre alunos, professores e funcionários do campus da UNESP. Nesse local funciona, desde agosto passado, a Unidade de Atendimento Médico-Odontológico-Social (Unamos), que zela pela boa saúde das cerca de 7.500 pessoas da comunidade universitária. A Unamos presta atendimento primário — como consultas e indicação de medicamentos, por exemplo — e sua atividade vem colecionando elogios.

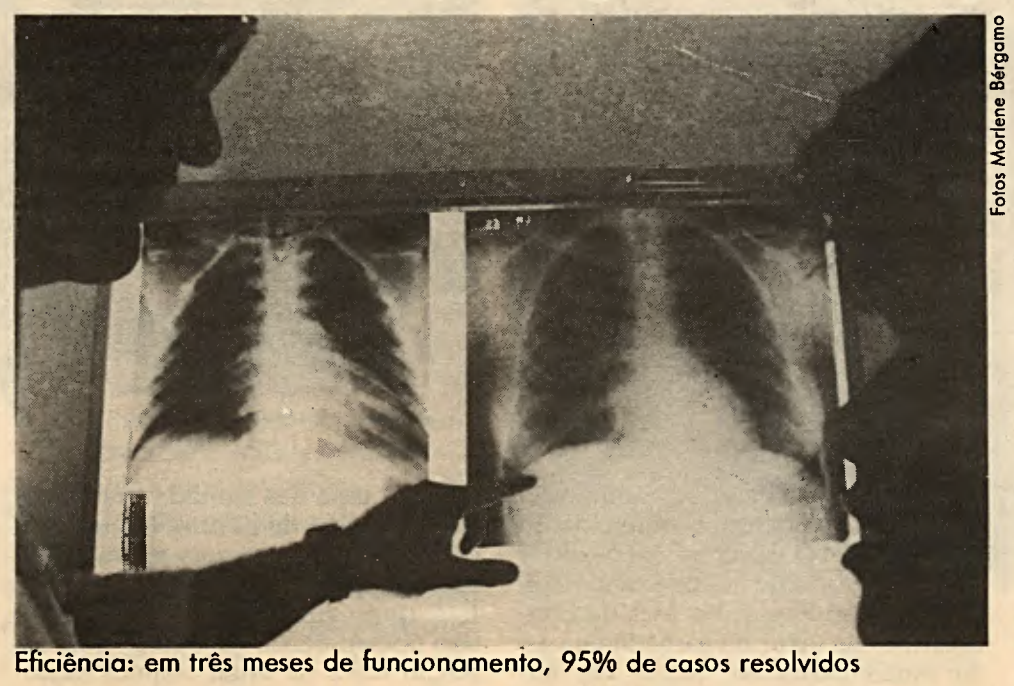
"O nível do atendimento está excelente", garante Maria Marques, funcionária da Faculdade de Odontologia que já requereu, para ela e para seus dois filhos, registrados como dependentes, várias vezes o serviço da Unamos. Uma avaliação semelhante é feita por Shen Hung Te, aluna do quarto ano do curso de Farmácia-Bioquímica: "Gostei principalmente da atenção que a equipe dá ao paciente", diz Shen.

A experiência da Unamos começa a tornar real a meta de criação de um serviço médico e odontológico na UNESP. Esse compromisso estava presente na proposta de gestão do reitor, professor Paulo Milton Barbosa Landim, e foi reafirmado no seu Plano Trienal. "Araraquara foi escolhida para sediar o projeto-piloto, que já pode ser considerado um sucesso", sustenta o vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento, professor Arthur Roquete de Macedo. Segundo o vice-reitor, a próxima etapa é a instalação de outras unidades semelhantes nos demais campi da Universidade, a partir de 1991 *(veja quadro nesta página)*.

EQUIPE DE QUALIDADE

Ao lado das opiniões favoráveis dos pacientes, o centro de atendimento de Araraquara ostenta números que confirmam sua performance. De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), o atendimento primário pode resolver em média cerca de 80% dos problemas de saúde. Os casos mais complexos ficariam para o tratamento de nível secundário, que envolve consultas com especialistas e exames, e terciário, se forem necessárias internações e cirurgias. "Nós estamos superando essa média", comemora Luis Roberto de Toledo Ramalho, vice-diretor da Faculdade de Odontologia (FO). De fato, segundo as cifras já computadas, o atendimento da Unamos está solucionando quase 95% dos casos surgidos, (como mostra a tabela ao lado). "A implantação dos serviços consumiu cerca de Cr$ 2,5 milhões, o que representa um custo baixo, em função dos benefícios que alcançamos", calcula Ramalho.

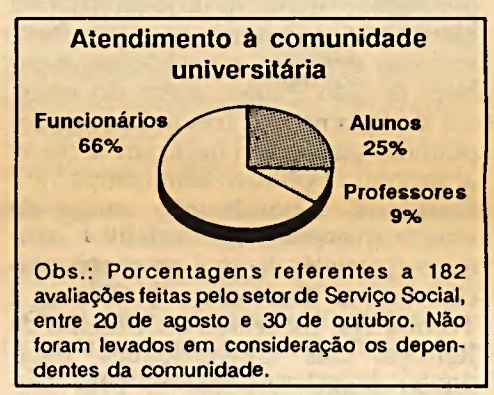
O vice-diretor é um dos coordenadores dos trabalhos da Unidade, junto com Valter Curi Rodrigues, professor do Departamento de Morfologia da FO. Os dois enfatizam o apoio que o grupo de Araraquara vem recebendo do campus de Botucatu e elogiam a equipe que lideram: "Através de concursos públicos, reunimos as pessoas mais adequadas para cada função", atesta Rodrigues. Ao todo, a Unamos possui quatro médicos — dois clínicos gerais, uma pediatra e um ginecologista-obstetra —, dois cirurgiões-dentistas, uma enfermeira, uma assistente social, duas auxiliares de enfermagem e duas auxiliares odontológicas. A esse time se somam ainda duas escriturárias e duas auxiliares de limpeza.



Fotos Marlene Bérgamo

Eficiência: em três meses de funcionamento, 95% de casos resolvidos

Ramalho: acima da média da OMS



Obs.: Porcentagens referentes a 182 avaliações feitas pelo setor de Serviço Social, entre 20 de agosto e 30 de outubro. Não foram levados em consideração os dependentes da comunidade.

A equipe é formada por profissionais jovens, como os cirurgiões-dentistas Paulo Afonso Sampaio Sobrinho e Eliana Yoshie Simabukulo, que atualmente realizam restaurações e outros serviços básicos. "Nosso objetivo é fazer trabalhos mais complexos, como prótese e endodontia", adianta Sampaio Sobrinho. O ginecologista Abdala Jorge Laund também expõe seus projetos: "Junto com a área de enfermagem, estamos montando um programa voltado basicamente para estudantes, de orientação sobre anticoncepção e doenças sexualmente transmissíveis", afirma. Para que o atual empenho da equipe se mantenha, o professor Rodrigues deseja que os membros do grupo sejam integrados ao Plano de Carreiras da Universidade. "Assim, todos serão estimulados em suas atividades", argumenta.

ESFORÇO COLETIVO

"Procuramos fazer um trabalho multidisciplinar, em que as especialidades atuem conjuntamente", expõe a enfermeira Marcia Niituma Ogata, que organiza o atendimento em seu setor e coordena as atividades interdisciplinares da Unamos. A colaboração entre os profissionais dá origem a projetos como o programa de prevenção da hepatite B, montado pelas áreas de Clínica Geral e Enfermagem.

Para a Unamos, não basta prevenir ou curar as doenças — é preciso também levantar as questões sociais ligadas a esses males. "Todo cliente passa por uma entrevista, onde levantamos dados sobre sua situação sócio-econômica", declara a assistente social Lis Maria Benassi Cezar, lembrando que esses números orientam a ação da equipe.

Os professores Ramalho e Rodrigues não pretendem se acomodar com o que já foi alcançado até agora. Rodrigues lembra que a Unamos mantém hoje um convênio com o Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (Suds) e com o Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual (Iamspe), permitindo assim internações e consultas. "Porém, nós temos a proposta de criar um fundo próprio, a partir de contribuições dos interessados, que cobriria, por exemplo, consultas nas várias especialidades", recorda. A realização de convênios com hospitais é outra necessidade apontada pelo professor Ramalho. O vice-diretor da FO revela que, inclusive, já existem negociações com o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu, que poderia, no futuro, receber casos de internação e cirurgia.

André Louzas

Serviços da Unamos

As cifras abaixo retratam algumas das atividades da Unamos. Na tabela, apresenta-se a porcentagem de encaminhamentos em relação às consultas realizadas. Os números se referem ao período entre 20 de agosto e 30 de outubro passados.

Clínicas básicas	Nº de consultas	Encaminhamentos	Porcentagem
Clínica médica	355	32	9%
Pediatria	211	6	3%
Ginecologia	100	–	–
Obstetrícia	6	–	–
Total	672	38	6%

No mesmo período foram também registrados 177 atendimentos básicos de enfermagem, 32 coletas de papanicolau, 13 visitas domiciliares, 5 visitas hospitalares e 182 fichas sociais dos pacientes.

Comissão originou projeto-piloto

O projeto-piloto da unidade de saúde de Araraquara teve suas raízes na criação, em junho de 1989, de uma comissão encarregada de implantar um plano de assistência médica e odontológica na UNESP. Da comissão fazem parte os professores Luis Roberto de Toledo Ramalho — seu presidente —, Valter Curi Rodrigues e mais quatro docentes: Clara Pechmann Mendonça e Marlene Aparecida Colombo Amoldi, do campus de Araraquara, e Aguida Beatriz Rizzato e Heloisa Berti Mendes, de Botucatu. Esse grupo se compõe de especialistas de vários campos da Saúde: Ramalho se formou em Odontologia, Rodrigues e a professora Rizzato são médicos, as professoras Mendonça e Amoldi trabalham, respectivamente, como farmacêutica e psicóloga, e a professora Mendes é enfermeira.

Durante um ano de trabalho, a comissão planejou o funcionamento da Unidade de Araraquara, organizou concursos para formar sua equipe e coordenou a aquisição de equipamentos e materiais. "Após a implantação dos serviços, estamos agora analisando os resultados", explica Ramalho. A partir desse núcleo central, foram criadas comissões em todos os outros campi da UNESP. "Elas serão encarregadas de implantar os serviços nas várias unidades", confirma o professor Arthur Roquete de Macedo. **(A.L.)**

ODONTOLOGIA

Os gabinetes dentários, agora mais perto de você

Pesquisa pioneira da UNESP e USP descobre material semelhante ao ouro, com custo cem vezes menor

Liga de cobre, zinco, alumínio e níquel: desempenho semelhante ao ouro

No Brasil, são privilegiados aqueles que podem sentar-se na cadeira de um consultório dentário. Cerca de 99% da população brasileira apresentam cáries nos dentes, mas o número daqueles que ouvem de perto o barulho do motorzinho chega apenas a 15%. Em breve, porém, estará disponível no mercado um material para uso em restaurações metálicas fundidas e próteses dentárias a preços cem vezes mais baixos que os das tradicionais ligas de ouro. O responsável pela descoberta, que deverá proporcionar tratamentos dentários a preços mais acessíveis, sem perda de qualidade, é o engenheiro de materiais Antônio Carlos Guastaldi, do Instituto de Química de Araraquara. Guastaldi desenvolveu o trabalho em conjunto com a Faculdade de Odontologia da USP, em Bauru, num projeto financiado pela Finep.

O objetivo do grupo interdisciplinar, pioneiro no Brasil, era conseguir uma liga metálica alternativa mais barata e que tivesse propriedades semelhantes às do ouro. "O novo material, feito à base de cobre, zinco, alumínio e níquel, apresentou um bom desempenho, com custo cem vezes menor", explica Guastaldi, para quem a interação entre o seu trabalho e o da equipe de dentistas da USP foi imprescindível para o sucesso das pesquisas.

"A participação de Guastaldi em nosso projeto foi fundamental", assegura o professor José Mondelli, da USP, coordenador do projeto. "Nós já tentávamos a formulação de uma nova liga, mas desconhecíamos os aspectos químicos e metalúrgicos dos materiais", completa. Guastaldi afirma, no entanto, que os testes para obtenção de uma nova liga não partiram do "zero". "Desde o século passado, já se utiliza o ouro na Odontologia e o Japão, por exemplo, desenvolve pesquisas com ligas não áuricas desde a II Guerra Mundial", comenta.

TESTES

De posse de toda a literatura disponível sobre o assunto, o engenheiro definiu-se por ligas à base de cobre. O projeto teve início em 1984 e, durante os dois anos de sua duração, foram desenvolvidas um grande número de receitas. Para definirem qual a melhor, os pesquisadores basearam-se nos fatores fluidez e corrosão, justamente os maiores problemas apresentados pelas ligas disponíveis no mercado. "A fluidez do metal é extremamente importante, pois dela depende o perfeito acabamento da peça a ser aplicada no dente", diz Guastaldi. "Uma peça que não tenha o tamanho exato permitirá infiltrações, causando a reincidência da cárie e a corrosão da liga."

Fotos Hélcio Toth

Guastaldi: trabalho elogiado no exterior

Aprovada nos primeiros testes, a nova liga foi submetida a uma série de outras provas, como as de temperatura — em torno de 37° C — e as de resistência a diversas soluções, que simulam as reações ocorridas na boca. Só depois de aprovada nessa etapa é que a liga passou a ser utilizada em pacientes, que já chegam a 500. Observando incrustações feitas, depois de um ano, o pesquisador verificou que os dentes não apresentaram alterações significativas e as ligas não sofreram oxidações superficiais, o que poderia ser notado pelo escurecimento do metal. "A liga tem uma performance muito boa, tanto quanto a de ouro", revela o professor Mondelli, com base no acompanhamento periódico dos pacientes tratados na clínica da faculdade.

ESTADOS UNIDOS

Essa pesquisa valeu a Guastaldi o título de doutor pelo Departamento de Engenharia Metalúrgica da Escola Politécnica da USP, em 1987. A repercussão de seu trabalho "Desenvolvimento de Ligas Metálicas Alternativas à Base de Cobre Aplicadas à Odontologia", elaborado a partir dos resultados desses estudos, chegou aos Estados Unidos e Guastaldi foi convidado pela Universidade de Birmingham, no Alabama, para atuar como pesquisador visitante, de março de 1989 a julho deste ano. No Departamento de Biomateriais da Faculdade de Odontologia americana, o professor pôde auxiliar os pesquisadores em análises de ligas metálicas alternativas e orientar alunos em seus estudos. Além disso, Guastaldi teve a oportunidade de apresentar os resultados de suas pesquisas no 68.° Congresso Anual da IADR *(International Association for Dental Research)*, realizado em Ohio, de 7 a 11 de maio último, onde o trabalho foi bastante elogiado.

O pesquisador lamenta não ter podido patentear seu invento. "Na época em que terminamos os trabalhos, a idéia era registrá-lo em nome da UNESP, mas a Universidade não tem mecanismos para proteger seus inventos antes de transferi-los para o setor produtivo", informa. Por isso, a nova liga acabou sendo registrada em nome do Departamento de Dentística da FO-USP de Bauru, que só espera o aval da Finep — detentora dos direitos de negociação da patente — para abrir concorrência pública para a fabricação e comercialização do produto.

Dando prosseguimento às suas pesquisas na área, Guastaldi vem trabalhando, desde 1988, ao lado de um grupo de docentes da UNESP em um projeto que prevê a formação do Laboratório Associado em Ligas Metálicas *(veja quadro abaixo)*. "Ele será de extrema utilidade, já que há muito ainda o que se pesquisar nessa linha", avalia. Como exemplo, ele cita *as ligas de níquel*-crômio para próteses metalo-cerâmicas e metalo-plásticas utilizadas em jaquetas, para as quais a liga criada não se adapta. "Esse grupo poderá ser o embrião de uma área ainda inexistente na UNESP, voltada para a criação de biomateriais, como as próprias ligas, válvulas para coração ou próteses ortopédicas", finaliza.

Denise Pellegrini

Projeto cria laboratório para ligas alternativas

A UNESP acaba de concluir projeto para a criação do Laboratório Associado em Ligas Alternativas, envolvendo as três Faculdades de Odontologia — de Araçatuba, Araraquara e São José dos Campos —, além do Instituto de Química de Araraquara e a Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira. O principal objetivo do projeto é centralizar recursos em uma área comum para a realização de pesquisas multidisciplinares, visando o desenvolvimento de ligas alternativas para uso odontológico com melhores propriedades e preços mais baixos.

Lilo Clareto

Baixo custo facilita treinamento de alunos

"Começamos a verificar, em conferências ou mesmo quando participávamos de bancas examinadoras, a existência de várias teses sobre as ligas. Percebemos então, que esse era um interesse comum das três Faculdades de Odontologia e partimos em busca de subsídios da Química e da Engenharia", explica o professor Celso Luiz de Angelis Porto, coordenador do projeto. Segundo o professor Porto, membro do Departamento de Odontologia Restauradora da Fo-Araraquara, a melhoria da qualidade das ligas alternativas é de extrema importância, já que sua utilização tem uma função social: "Elas possibilitam baratear o custo do tratamento dentário, proibitivo para a maioria da população".

Além disso, o coordenador aponta para outro fator que também uniu os docentes das três Odontologias em torno do projeto, que levou dois anos para ser concluído. "Não podemos nos esquecer do aspecto didático, pois os alunos necessitam de treinamento clínico e, como as ligas são muito caras, fica impossível, tanto para a Universidade como para o paciente, bancar o tratamento", assegura, dando um exemplo da diferença de custos entre as ligas de ouro e as alternativas. "Para se fazer uma prótese total, são necessários, em média, 40 gramas de ouro, a cerca de Cr$ 1.300,00 o grama. Com as ligas alternativas, os custos caem para 15% desse valor."

O projeto foi montado com base em pesquisas de docentes, concluídas ou não, e também nos trabalhos desenvolvidos pelos alunos do curso de Pós-Graduação em Dentística Restauradora da FO-Araraquara. "Os estudos giram em torno da precisão de fundição, dureza, corrosão e oxidação, avaliação do comportamento clínico e estrutura de diversos tipos de ligas", cita Porto. Segundo ele, o projeto inclui ainda uma relação de equipamentos que a Universidade já possui e outros, que deverão ser adquiridos para o início das pesquisas. "Estamos acertando os últimos detalhes para o envio do projeto às agências financiadoras."

(D.P.)

FEDERICO BOLAÑOS

A História não existe sem o presente e o futuro

De passagem pelo Brasil, onde participou do V Encontro de Historiadores Latino-Americanos e do Caribe, co-promovido pela UNESP, através do Centro de Estudos Latino-Americanos (CELA), o mexicano Federico Bolaños aborda, aqui, temas como a história contemporânea e as questões ambientais na América Latina. Graduado em Química, Filosofia, Ciência Política e Biologia, autor de vários livros, entre eles *A Antiguidade* e *O Impacto Biológico — Problema Ambiental Contemporâneo,* Bolaños ensina História da Ciência, História Contemporânea e Ecologia no Colégio de História da UNAM — Universidade Nacional Autônoma do México —, onde dirige também um seminário sobre corporações multinacionais.

Entrevista a *André Louzas* e *Paulo Velloso*

Hélcio Toth

JORNAL DA UNESP — *O senhor veio ao Brasil para participar do V Encontro de Historiadores Latino-Americanos e do Caribe, cuja proposta básica foi discutir os dilemas e desafios dessa historiografia. No seu entender, quais seriam os principais problemas que a historiografia latino-americana enfrenta hoje?*

Federico Bolaños — Basicamente, a carência generalizada de uma historiografia contemporânea. Lamentavelmente, temos nos dedicado quase que exclusivamente ao estudo do passado que, sem dúvida, necessitamos conhecer a fundo. Mas não podemos relegar os problemas atuais a um segundo plano. Revisei cuidadosamente a composição desse encontro e verifiquei que, na realidade, a participação de trabalhos sobre história contemporânea foi, como de costume, escassa. Enquanto na Europa e Estados Unidos os historiadores desenvolvem a futurologia como ciência, estudando as tendências históricas, nós nos dedicamos unicamente aos séculos XVII, XVIII e XIX e apenas começamos a penetrar em um século que já nos está escapando das mãos.

JU — *Quando o senhor diz "história contemporânea" está se referindo a que período, exatamente?*

Bolaños — A partir do término da II Guerra Mundial. Creio que o conflito marca definitivamente o futuro desenvolvimento da sociedade humana. Mas esse conceito, claro, não é imutável, porque dentro de 20, 25 anos, isso já não vai ser história contemporânea. E esse é o problema: sinto que a historiografia não tem mudado com o passar do tempo.

JU — *E o senhor atribui a quê essa resistência dos historiadores em acompanhar os problemas contemporâneos?*

Bolaños — Há vários fatores que contribuem para que isso aconteça. Um deles, talvez o mais óbvio, é que é muito difícil debruçar-se reflexivamente sobre o que está ocorrendo agora. Outro fator é a dificuldade de acesso às informações atuais. Enfim, dedicar-se à historiografia contemporânea exige um esforço extraordinário.

JU — *Como manter o rigor científico diante de uma matéria-prima que está em constante transformação, como a história de nossos dias?*

Bolaños — É preciso saber separar o joio do trigo. Quer dizer, ter suficiente critério e experiência para não confundir certo tipo de informação que não tem caráter histórico relevante. Temos que ter a capacidade de diferenciar uma notícia que não tem transcendência maior de uma notícia que podemos integrar diretamente à história, que tem sentido histórico.

> **"A História é muito mais que um simples desfile de imperadores, papas, cortesãs, guerras e invasões"**

JU — *Quais as fontes a que se remetem os estudiosos da história contemporânea?*

Bolaños — Acabo de ouvir de Marcos Winocur, querido amigo do México, que há duas formas de investigar a história: ou pega-se nove livros e, depois de lê-los, escreve-se o décimo, ou vai-se direto às fontes. Normalmente, quando um historiador tradicional se refere a "fonte", ele quer dizer artigos acadêmicos ou outro tipo qualquer de fonte iconográfica. Nunca a um contato direto com as pessoas. Vivo dizendo aos meus alunos: esta notícia que vocês estão vendo no jornal, hoje, não é gratuita, não surgiu do nada, espontaneamente. Ela está confirmando ou completando um fato histórico: a guerra do Iraque, a invasão do Panamá... E o que agrada aos historiadores tradicionais é guardar este jornal durante 100, 150 anos, até que ele esteja amarelo, caindo aos pedaços. Então eles vão, pegam com cuidado, começam a consultar e exclamam: "Agora sim, é um documento histórico!" Para o historiador tradicional, a história é como um bom vinho: quanto mais velho, melhor. E eu penso que as coisas não são exatamente assim. A história não é uma invenção, mas a evolução social da humanidade, e qualquer dado, qualquer informação é um produto dessa sociedade e merece investigação. A história contemporânea tem que ser o estudo do atual, dos problemas da nossa geração, porque são os problemas que vivemos e que nos afetam diretamente. E hoje em dia há um certo desprezo por esse tipo de fonte. Com 20 anos de cátedra na universidade, me chamam de "jornaleiro" porque insisto em valorizar também as fontes ditas "não acadêmicas".

JU — *Quais os grandes obstáculos que o historiador latino-americano enfrenta hoje em seu trabalho e de que forma ele pode dar sua contribuição para o esclarecimento dos problemas contemporâneos?*

Bolaños — Eu identificaria vários problemas, mas o mais importante é, sem dúvida, a falta de consciência histórica. Quando se atua com desconhecimento histórico, atua-se de maneira atropelada, pouco racional. A população é informada pela televisão, pela imprensa, mas não tem consciência. Uma coisa é estar informada e outra, bem diferente, é estar consciente. A diferença é que o consciente compreende e o resto simplesmente escuta. E nossa grande tarefa — de todos nós, não apenas dos historiadores — é justamente promover essa consciência, cada qual utilizando as ferramentas de que dispõe de maneira crítica e honesta.

JU — *Tem-se a idéia de que os produtos contemporâneos ficariam mais com economistas, sociólogos, geógrafos. Em termos de metodologia, de que maneira o estudo dos problemas contemporâneos é realizado por um historiador?*

Bolaños — Por sua formação, o historiador tem uma visão metodológica diferente da utilizada por qualquer outro cientista social. O historiador trabalha basicamente com a evolução social da humanidade em seu conjunto. Mas é preciso diferenciar a história e o estudo tradicional da história, que nada mais é do que um desfile de imperadores, papas, cortesãs, guerras e invasões. A história é muito mais do que isso. Viemos incrementando nosso campo de ação e tivemos que desenvolver tecnologias especiais para cada área. Se, por exemplo, Sadam Hussein invade o Kwait, os economistas vão calcular a alta do preço do petróleo, o sociólogo vai se preocupar com as imigrações. O historiador vai em busca das causas dessa invasão e vem caminhando até o fato propriamente dito, recolhendo nesse trajeto aspectos econômicos, sociais, religiosos, culturais. A história não é simplesmente o estudo do passado, mas o estudo da evolução e, como tal, está habilitada a explicar também o presente e a projetar o futuro.

JU — *Seria então tarefa dos historiadores empreender projeções?*

Bolaños — Sim. Veja, nos últimos 20 anos os presidentes americanos tiveram como assessores de segurança nacional doutores m história. O historiador sabe como veic evoluindo uma determinada situação e tem plena condição de projetar as possibilidades, as tendências históricas.

JU — *Insistindo nessa questão da previsão, como o senhor analisa as perspectivas para a América Latina?*

> **"A corrida armamentista consome dois milhões de dólares por minuto. Assim não se pode avançar"**

Bolaños– Nossos problemas são tremendos, macreio firmemente que podem ser resolvidc. Estou certo de que a América Latina vi libertar-se e surgir como um continent importante. Não falo de convertere em potência nuclear e levar suas frots para todos os mares. Não, isso é tolice. Penso que chegará o dia em que poderemos todos alcançar um nível de vida tal que nos permita desenvolver plenamente nossa capacidade humana. Mas, para isso, necessitamos, antes, de liberdade, e liberdade se alcança através da estabilidade econômica.

JU — *Como o senhor vê o trabalho dos chamados "brazilianistas", historiadores estrangeiros, sobretudo norte-americanos, que vêm estudando a história brasileira?*

Bolaños — Penso que o conhecimento é universal e que todo mundo deve ter acesso a ele. Mas penso também que nossa história deve ser escrita por nós, latino-americanos. Um exemplo: neste encontro, o Peru está representado por um historiador norte-americano, da Universidade de Chicago, enquanto há tantos e tão bons historiadores peruanos. Isto é preocupante. Eu prefiro que a história da América Latina seja escrita por nós e que esses recursos todos, essas bolsas, esses financiamentos sejam destinados menos a estrangeiros e mais às universidades latino-americanas. De certa forma, entregar o estudo de nossa história a americanos ou europeus é perpetuar os meios de colonização e exploração.

JU — *Como o senhor vê, hoje, a situação da América Latina no contexto internacional?*

Bolaños — É preciso lembrar sempre que fazemos parte de um todo e estamos sujeitos a tudo o que ocorre no planeta. Não passamos incólumes, por exemplo, pela corrida armamentista, que consome dois milhões de dólares por minuto, nem pelos generais, que absorvem a metade do trabalho dos cientistas preparando armas para destruir a vida humana. Na América Latina, metade do dinheiro produzido também é gasto com armamento bélico. E vamos destruindo a Terra, poluindo o ar, acabando com a camada de ozônio. E asim não se pode avançar.

JU — *O senhor se notabilizou também como um intransigente defensor do meio ambiente, inclusive publicando obras nesta área. Como se cruzam as questões ecológicas e as históricas?*

Bolaños — Por mais que se fale no assunto, parece que não nos damos conta da gravidade do problema. Estamos destruindo o planeta num ritmo verdadeiramente vertiginoso, e os cientistas que trabalham com as causas ambientais estão em pânico. Tomemos como exemplo a desfruição da selva amazônica, com seus 65 milhões de anos. Essa mata esteve evoluindo, acumulando informação durante todo esse tempo. É o maior banco de informação genética do mundo. Destruir a Amazônia equivale a queimar a Biblioteca de Alexandria, apagando preciosos vestígios do passado. Isso para não falar, claro, que estaremos piorando sensivelmente a qualidade de vida de todos nós, já que ela fornece oxigênio, enorme variedade de matéria-prima e alimentos para um contingente incalculável. Assim, além do passado, estaremos destruindo também o presente e o futuro. Deveríamos estar cuidando com muito carinho de tudo o que temos, e o que fazemos é justamente o contrário: promovemos sua destruição. É preciso lembrar sempre que uma forma de vida perdida não se recupera jamais. Podemos plantar novas árvores em lugar das que foram abatidas, podemos melhorar um pouco o clima, remediar as condições da camada de ozônio. Mas, uma vez extinta, uma informação genética jamais poderá ser recuperada.

JU — *É possível rastrear as causas desses problemas ambientais, que vêm se agravando com o passar dos anos?*

Bolaños — As entidades ambientalistas internacionais apontam 42 problemas ecológicos mais graves, que vão desde o crescimento desordenado das cidades à contaminação das águas, da pesca predatória à poluição do ar. Mas quando, durante um congresso realizado em Estocolmo, em 1972, perguntaram a essa grande mulher que foi Indira Gandhi qual o problema ambiental mais grave, ela respondeu prontamente: a miséria. E ela estava certa, porque nenhum outro fator gera tantos problemas ambientais como a miséria, que deriva da má distribuição da riqueza em nossos países. E não há outro país no mundo com uma distribuição de riqueza mais desigual que o Brasil, seguido pelo Peru e México. Daí os gravíssimos problemas ambientais enfrentados por estes países. A miséria econômica gera miséria social, cultural, moral e ambiental. De acordo com cálculos da FAO (Food and Agriculture Organization, entidade internacional que se dedica ao estudo dos problemas com alimentação), o planeta produz alimento em quantidade suficiente para que todos comam bem, inclusive com um excesso de 10%. No entanto, todos sabemos, as pessoas continuam morrendo de inanição. Então, nosso grande problema é a transferência tecnológica controlada pelas multinacionais. Estas corporações têm como filosofia levar a humanidade do estado nacional ao estado corporativo. Elas querem consumidores. Eu chego ao Brasil e noto que os produtos consumidos aqui são os mesmos que se consomem na Argentina, no México, na Venezuela... Esse é o papel das transnacionais: sutilmente, lentamente, ir se apoderando de toda a estrutura produtiva.

JU — *Como se insere o Brasil na América Latina? As diferenças culturais, o idioma e a imensidão territorial seriam fatores que nos colocariam numa posição diferenciada da de outros países do continente?*

Bolaños — Há muitos brasileiros que não se sentem latino-americanos e que pensam que o Brasil é um país isolado. Eu acho muita graça nisso, porque o fato de falarmos um pouco diferente não quer dizer nada. O Brasil é uma nação desesperada, como toda a América Latina. Vemos o Brasil como um grande desperdício, porque ele deveria ser uma nação muito poderosa, líder cultural, intelectual, industrial e tecnológico. Tem os recursos humanos, físicos e naturais para isso. Mas como conhecemos muito bem a sua história, temos esperança. Como disse Chico Buarque, essa terra ainda vai cumprir seu ideal...

JU — *Neste encontro que o trouxe ao Brasil, o senhor proferiu a conferência "América Latina em Dívida: Custos Sociais e Poder Transnacional". Como vê a questão da dívida externa brasileira?*

> **"A Amazônia é o maior banco de informação do mundo, e destruí-la equivale a queimar a Biblioteca de Alexandria"**

Bolaños — A dívida externa é a espada de Dâmocles, que pende sobre nós. Mas tem solução. É o que digo nesta conferência: ela tem solução, e solução a curto prazo. Basta não pagá-la. Se nós deixarmos de pagá-la — falo do México e do Brasil —, o que aconteceria é que os Estados Unidos, Europa e Japão resolveriam grande parte de seus problemas. Nós compraríamos 30% da produção americana, 30% da européia e 20% da japonesa. Se não temos recursos para comprar, eles sofrem níveis de desemprego gigantescos. Toda a miséria, as tensões sociais se resolveriam se a América Latina e o Terceiro Mundo começassem novamente a crescer economicamente e a comprar produtos norte-americanos, europeus e asiáticos.

JU — *Para encerrar, professor, o que o senhor acha da atribuição do prêmio Nobel de literatura a Octavio Paz?*

Bolaños — Ele é um grande literato, escreveu coisas muito interessantes, com as quais muitos mexicanos concordamos. Falo, basicamente, de seu livro "Labirinto da Solidão", que é uma obra estupenda, onde ele analisa certos aspectos ocultos da alma e da cultura mexicanas. O que lamentamos é que, nos últimos anos, Paz tenha se incorporado ao conglomerado televisivo do México, a Televisa, e passado a se comportar como um agente de direita. O pensador progressista de ontem incorporou-se ao capital e à oligarquia do México. Mas faz anos que deixamos de ler Paz. Então, o que posso dizer? A Academia sueca premia qualquer um agora. Já não deram um Nobel da Paz a Kissinger e a Gorbatchev? Acredito que, desde que Jean-Paul Sartre recusou o prêmio, ele decaiu muito, converteu-se numa etiqueta exclusivamente comercial. Considero que este tipo de prêmio já não tem a qualidade humana que Nobel pensou que algum dia teria. Isso, na área de literatura. Na área científica, sim, premiam-se constantemente as pessoas certas.

CINEMA

Alunos ativam vida cultural em Franca

Com um projetor de 16 milímetros emprestado nas mãos e muitas idéias na cabeça, dois alunos da Faculdade de Direito, História e Serviço Social (FHDSS) do campus de Franca iniciaram, há cerca de um ano, as atividades de um cineclube que hoje exibe, regularmente, importantes obras cinematográficas e tem um papel de destaque no panorama cultural da cidade. Fundado pelos estudantes Elaine Alves de Lima e Paulo Roberto Piassa, ambos do curso de História, o Cineclube Lumière não se contenta em exibir seus filmes apenas no auditório da faculdade, situada em um ponto central de Franca. Ao contrário, tenta descobrir onde o público está e vai até ele. "Costumamos projetar os filmes em praças, bares e até na cantina da faculdade", informa Elaine, presidenta do Lumière.

De acordo com Elaine, Franca é uma cidade conservadora em seus hábitos culturais e o cineclube tem desempenhado um papel importante na mudança desse quadro. "Os três cinemas daqui privilegiam os filmes comerciais, em detrimento das obras realmente importantes", afirma. Com ela concorda Maria Lúcia Fenato de Almeida, secretária executiva da Fundação Mário de Andrade, ligada à Secretaria Municipal de Cultura. "Sem as atividades do Lumière, nossa dieta cultural seria bem mais frugal", avalia.

Hoje, com equipamento próprio e já regulamentado junto à Secretaria da Fazenda, o cineclube mostra filmes obtidos através de instituições como a Aliança Francesa, Instituto Goethe, Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA) e do próprio Centro de Atividades Culturais da UNESP (CAC), o que possibilita um leque de opções bastante diversificado. Assim, nesse período foram mostrados, por exemplo, filmes como *Ensaio de Orquestra*, de Federico Fellini, e *Coração de Cristal*, de Werner Herzog, além de um representativo lote do cinema nacional e filmes raros, como *Imagens do Inconsciente*, trilogia de Léon Hirzman sobre o trabalho da psicóloga Nise da Silveira.

Maiores informações sobre o Cineclube Lumière poderão ser obtidas com Elaine, através do telefone (016) 722-0414.

Arquivo

Fellini, na programação do Lumière

HOMENAGEM

Hélcio Toth

Castilho, com a *Enciclopédia* e o Jabuti: reconhecimento e estímulo

Editora recebe o maior prêmio literário do país

O troféu Jabuti foi concedido à Editora UNESP pela melhor produção editorial de livro de texto, na publicação da *Enciclopédia*, clássico do século XVIII

Considerado o prêmio literário de maior prestígio no país, o Jabuti incluiu, este ano, entre as dezessete categorias contempladas, a Editora UNESP, que recebeu o troféu pela melhor produção editorial de livro de texto pela publicação do clássico *Enciclopédia*. Peça máxima produzida pelo Iluminismo, a *Enciclopédia*, coordenada e redigida principalmente por Diderot e D'Alembert, no século XVIII, foi originalmente publicada em Paris, entre 1751 e 1772, em dezessete volumes, e tornou-se um marco da cultura e do pensamento ocidental, influenciando movimentos como a Revolução Francesa, a Independência dos Estados Unidos e até mesmo a Inconfidência Mineira.

O prêmio, instituído pela Câmara Brasileira do Livro em 1959, foi entregue no último dia 23 de outubro, em grande evento promovido no Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo. Para o professor José Castilho Marques Neto, editor executivo da Editora UNESP, essa premiação tem grande importância institucional e coincide com os objetivos da casa. "O Jabuti foi o reconhecimento, de certa forma até precoce, da qualidade do trabalho desenvolvido pela editora e um estímulo para prosseguirmos nessa linha editorial, já que é nossa intenção sermos reconhecidos também pela qualidade gráfica de nossas publicações", afirma.

OUTROS LANÇAMENTOS

Na esteira dessa premiação, a Editora UNESP pretende, já em meados do próximo ano, lançar outro clássico, agora do século XIII: *Tratado da Esfera*, do astrônomo e matemático Johannes Sacrobosco. Escrito em latim e traduzido para várias línguas, inclusive o português, o livro será publicado em edição português/português, reunindo a primeira tradução portuguesa, que Benedicto Nunes empreendeu no século XVI, e outra, atual. "Trata-se de um guia das estrelas e do universo, utilizado até o século XVIII como orientação para os navegantes", explica Castilho. "Com mais este lançamento, vamos cumprindo nossa tarefa de resgatar obras clássicas esquecidas, que não se encaixam no rol de interesses das editoras comerciais", completa.

Além de *Tratado da Esfera*, a Editora UNESP deve lançar, ainda este ano (em co-edição com o Memorial da América Latina), a coletânea *Modernidade: Vanguardas Artísticas na América Latina*, fruto de seminários realizados no Memorial. Também em 1990 deve sair, pela coleção "Natura Naturata", *Manejo Integrado de Pragas*, antologia de textos organizada pelo professor Wilson Crocomo, e, na coleção "Seminários e Debates", *Orfeu, Orfismos - Viagens a Mundos Paralelos*, outra coletânea de textos, desta vez em torno da antropologia, organizada pela professora Sílvia Carvalho.

Pelo menos quatro títulos deverão ser lançados no primeiro semestre do próximo ano: *Escola dos Annales*, de Peter Burke (com lançamento simultâneo com a edição inglesa), *Rosa Luxemburgo* (coleção "Seminários e Debates"), organizado por Tullo Vigevani e Isabel Loureiro, *O Aparecimento do Livro*, de Lucien Lefèbvre, e *O Ouvido Pensante*, de R. Murray Schafer.

ESTUDOS

A literatura, na mira deste grupo

Promover seminários enfocando grandes nomes da literatura brasileira, organizar cursos de extensão universitária e montar uma biblioteca sobre assuntos nacionais. Essas são algumas das atividades do Centro de Estudos Brasileiros, criado no início deste ano, em Araraquara, junto aos Departamentos de Literatura e Lingüística da Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Contando com apenas sete participantes, o grupo, que pretende engrossar suas fileiras com professores de outras áreas, visa ainda a realização de pesquisas interdisciplinares.

"As atividades do centro estão no início, mas nosso objetivo é desenvolver estudos que abranjam, além da literatura, a história, antropologia, política e sociologia do nosso país", explica a professora Sylvia Helena Telaroli de Almeida Leite. Mas a origem do centro se deve mesmo às atividades ligadas às Letras, como conta a professora Maria Célia de Moraes Leonel. "Desde 1986, organizamos algumas semanas de estudos, abordando as obras de Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e ainda sobre a presença negra na literatura brasileira", lembra a professora, citando a promoção de cursos de extensão universitária e especialização, que beneficiam principalmente os alunos da Universidade e professores de 1.º e 2.º graus.

A equipe também está formando uma biblioteca, contando para isso com a doação de livros, revistas e outros materiais sobre os estudos brasileiros. Entre os quase 100 exemplares já catalogados, a professora Sylvia aponta fac-símiles de publicações do Modernismo brasileiro — como a *Revista de Antropofagia* —, além de textos de ficção, todos disponíveis para consulta e empréstimo. Docentes de qualquer unidade da UNESP ou de outras universidades interessados em participar do centro ou fazer doações podem ligar para a FCL, Departamento de Literatura, e falar com as professoras Sylvia ou Maria Célia. O telefone é (0162) 32-0444, ramal 138.

Arquivo

Oswald: semana de estudos

Piano, na última das terças

O pianista Cláudio Richerme, professor do Departamento de Música do Instituto de Artes, campus de São Paulo, dará um recital no dia 11 de dezembro próximo, às 19 horas, no Auditório da Biblioteca Mário de Andrade. O evento encerra a série "Terças UNESP" deste ano, iniciada no mês de março. "O público, formado por estudantes e pessoas que estão saindo do trabalho, tem lotado a sala", diz a professora Maria de Lourdes Sekeff, coordenadora do evento, juntamente com o professor João Spinelli.

Do programa que Richerme irá apresentar constam "Sonata em fá menor Op.5", de Brahms, "Suíte de danças", de Béla Bartók, "A lenda do caboclo", de Villa-Lobos, e "A valsa", de Ravel. A Biblioteca Mário de Andrade fica na rua da Consolação, 94, Centro, São Paulo. A sala tem capacidade para 200 lugares e a entrada é franca.

ENCONTRO

Ensino integra América Latina e Península Ibérica

UNESP promove reunião da Universidade Ibero-americana

Nos últimos dias 5 e 6 de novembro, a Comissão Executiva da Universidade Ibero-americana de Pós-graduação (UIP) se reuniu em São Paulo, para discutir o que a entidade fará nos próximos anos. O encontro foi promovido pela UNESP, que marcou mais alguns pontos na sua crescente integração internacional. Instituição não-convencional, a UIP congrega 81 universidades de 18 países de língua espanhola e portuguesa. Sua preocupação básica é estimular o ensino universitário e aprimorar o nível científico das entidades associadas.

A UNESP é uma das dez universidades brasileiras vinculadas à UIP e faz parte de sua Comissão Executiva. No encontro de São Paulo, o reitor Paulo Milton Barbosa Landim se reuniu com os outros sete membros da Comissão. Estavam presentes Oscar Cuevas, da Universidade Metropolitana do México — e também reitor da UIP —; Victor Cruz, da Universidade del Valle, na Colômbia (vice-reitor da UIP); Rafael Puertaencasa (presidente) e José Maria Montes (secretário-geral), da Universidade Politécnica de Madri; Andoni Garritz Ruiz, da Universidade Nacional Autônoma do México; Horácio Vanegas, do Instituto Venezuelano de Investigações Científicas; e Javier Sota, da Universidade Nacional de Engenharia do Peru.

O professor Landim informa que uma das principais discussões do grupo enfocou a situação financeira e jurídica da instituição. "Temos muitos problemas, em razão de a Universidade se distribuir por vários países", comenta. De acordo com o reitor da UNESP, decidiu-se no encontro buscar maior apoio de órgãos como o Banco Interamericano de Desenvolvimento e das autoridades espanholas (a sede da UIP se localiza na cidade de Salamanca).

Hélcio Toth

A Comissão Executiva: discutindo rumos de uma entidade supranacional

BOA IMPRESSÃO

A reunião de São Paulo também discutiu temas como o planejamento de cursos e programas para a década de 90 e os critérios de credenciamento de cursos junto à UIP. "É necessário estabelecer um padrão para a avaliação, credenciamento e acompanhamento dos cursos", argumenta o pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa da UNESP, Antônio Manoel dos Santos Silva, que também acompanhou o encontro. Os números apresentados sobre o desempenho da UNESP, segundo o pró-reitor, agradaram muito os membros da Comissão: "Eles ficaram impressionados ao saber que, por exemplo, temos 242 grupos de pesquisa".

O professor Antônio Manoel enfatiza a importância de a UIP se voltar para questões latino-americanas: "Precisamos discutir se ficaremos absorvendo a tecnologia gerada no Hemisfério Norte ou se teremos a capacidade de produzir tecnologia adequada à nossa realidade", analisa. Em janeiro, o professor Antônio Manoel participará, em Cáli, na Colômbia, de uma reunião do comitê de avaliação do credenciamento na UIP. Em abril, ainda em Cáli, haverá novo encontro da Comissão Executiva e, em novembro, o Conselho Universitário da instituição se reunirá em Madri.

LÍNGUA PORTUGUESA

Funcionários passam gramática a limpo

Contribuir, de forma real, para a capacitação e o desenvolvimento pessoal dos funcionários da Universidade. Essa é a proposta do curso Treinamento em Língua Portuguesa - Revisão Gramatical, cujo experimento-piloto foi inaugurado no dia 23 de outubro passado, no campus de São José do Rio Preto. "Consideramos esse evento da maior importância dentro da atual política de recursos humanos da Universidade", enfatiza o vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento, professor Arthur Roquete de Macedo, que proferiu a aula inaugural do curso.

Marcio Correa

Arthur: incentivo aos recursos humanos

O vice-reitor acrescenta que o Treinamento em Língua Portuguesa (TLP) é o resultado concreto de uma proposta que definiu em conjunto com a coordenadora da Coordenadoria de Recursos Humanos, Maria Aparecida de Lima Claro. Em linhas gerais, o projeto prevê a seleção adequada dos funcionários, com o treinamento para a função, cursos de reciclagem e avaliações periódicas. "Evidentemente, não pudemos fazer tudo o que desejamos, mas o TLP é o primeiro curso em larga escala na área de treinamento", resume o professor Arthur.

Integrante da equipe técnica que elaborou o curso, a professora Regina Maria Pessôa esclarece que o conteúdo a ser descnvolvido foi determinado a partir da análise das solicitações dos próprios funcionários, feita através de fichas-consulta. A partir das respostas, a equipe, composta por docentes das áreas de Língua Portuguesa, Educação e Psicologia dos campi de Araraquara, Rio Preto e Assis, realizou uma seleção dos pontos prioritários.

LEITOR E TEXTO

De acordo com Pessôa, o TLP se inicia com ortografia e pretende trabalhar de forma inovadora com o tema. "Vamos dizer aos funcionários que ortografia se aprende lendo, escrevendo e consultando o dicionário", ressalta a professora, lembrando que o primeiro módulo do curso é acompanhado de um Dicionário Aurélio, de bolso. Ela destaca ainda que será privilegiada a relação do leitor com os textos, com uma ênfase menor nas regras gramaticais. "Após a correção das falhas detectadas, o TLP será estendido aos demais funcionários da Universidade", garante outro membro da equipe, o professor Cláudio Gomide de Souza, do campus de Araraquara.

No dia 22 de outubro, o grupo se reuniu em Rio Preto com o reitor da UNESP, professor Paulo Milton Barbosa Landim, que destacou a importância do curso para a política de recursos humanos da Reitoria.

Além dos docentes já citados, integram a equipe técnica os professores Sebastião de Souza Leme, Jeane Mari Sant'Ana Spera, Rony Farto Pereira, Rosemary Rocha Pereira da Silva e Sandra Aparecida Ferreira, do campus de Assis. Também participam do grupo Paulo de Tarso Galembeck, de Araraquara, e Zêqui Elias, de Rio Preto. As aulas serão ministradas por monitores selecionados entre professores formados no campus de Rio Preto e alunos em fase final de graduação.

Marcos Caetano, de S. José do Rio Preto

RÁDIO

Jornalismo e cultura dão o tom na emissora do campus de Bauru

"UNESP FM Estéreo"... Os moradores de Bauru e municípios vizinhos passaram a ouvir mais esse prefixo em seus rádios, na freqüência de 105,9 megahertz. Desde o início de novembro, entrou no ar a Rádio Universitária da UNESP, funcionando ainda em caráter experimental. A emissora atinge inicialmente um raio de 50 quilômetros em torno de seus transmissores, no campus de Bauru, com a proposta de inovar o tipo de programação levado ao ouvinte local: "Queremos apresentar um jornalismo dinâmico e programas abertos à produção cultural e artística da região", expõe o diretor da rádio, Antônio Carlos de Jesus, professor do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicações (FAAC).

Para que a emissora chegue aos ouvintes com toda a força, foram contratados, sob concurso, no mês de julho, 29 profissionais, entre jornalistas, radialistas e técnicos em eletrônica. "Os exames foram rigorosos, com uma prova teórica e outra prática, além de entrevista técnica", relata Marcos Barrero, assessor especial da Reitoria, que colaborou na estruturação da UNESP FM. Barrero recorda que a banca examinadora dos candidatos reuniu profissionais experientes, como Heródoto Barbeiro, comentarista da TV Cultura e Rádio Excelsior, e Zuza Homem de Mello, produtor de discos e programas musicais de rádio e TV.

Além de equipamentos modernos, a Rádio Universitária conta com instalações que ocupam uma área de 700 metros quadrados. Nesse espaço se distribuem uma central de gravação com dois estúdios, uma central técnica de geração de sinais, discoteca, sala de produção, sala de pesquisa e central de jornalismo. Os alunos do campus de Bauru, de acordo com o professor Jesus, terão acesso a essas instalações. O diretor da rádio esclarece que o plano de funcionamento da emissora prevê diversas atividades educacionais, como cursos de aperfeiçoamento em administração, produção e técnicas de Radialismo, estágios, projetos de final de curso e a preparação de programas experimentais.

A UNESP FM pretende satisfazer diversos perfis de ouvintes. A rádio inclui programas como "Óperas Inesquecíveis", transmitido na sexta-feira, às 22 h, e "Mundo Rural", que vai ao ar às 6 h, de segunda a sexta. A Universidade também freqüentará as ondas da emissora, em boletins sobre pesquisas e outras atividades de seus docentes.

Lilo Cloreto

Jesus: da ópera à música regional

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Sucesso do evento reflete apoio à graduação

Dobra número de inscritos na segunda versão do congresso , em Botucatu

Com as inscrições de 552 trabalhos de estudantes e a participação de 768 alunos da UNESP, aconteceu, entre os dias 26 e 28 de outubro, o II Congresso de Iniciação Científica da Universidade, no campus de Rubião Júnior, em Botucatu. O número de pesquisas inscritas — mais que o dobro do primeiro congresso, ocorrido no ano passado, em Araraquara — mostrou a maior adesão dos alunos e orientadores aos programas de iniciação científica e revelou os frutos de uma política de atenção especial à graduação. "Nossa opção é pela diferenciação dos alunos graduandos", declarou o pró-reitor de Graduação, Antonio Cesar Perri de Carvalho, na abertura do evento, no Botucatu Tênis Clube. Acentuando que a UNESP é, atualmente, a universidade estadual mais atuante no que se refere à graduação, o reitor Paulo Milton Barbosa Landim agradeceu à mobilização dos professores que orientam os bolsistas. "A orientação é um trabalho a mais para o docente, mas compensa em termos de resultados", disse.

Após a abertura, houve uma mesa redonda com as participações de Ângela Santana, coordenadora de bolsas da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), Flávio Fava de Moraes, diretor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Chuckichi Kurosawa, vice-diretor da Faculdade de Ciências Agronômicas de Botucatu, na qual, além das diretrizes desses órgãos para a iniciação científica, foi discutida também a realidade do aluno pesquisador no país.

PROGRAMA DE BOLSAS

Atualmente, os alunos da UNESP têm um total de 1.908 bolsas de iniciação científica, abrangendo órgãos como a FAPESP, CAPES, CNPq, Centro de Integração Empresa-Escola, FUNDAP e PROEX. Para Ângela Santana, da CAPES, essas bolsas, embora de valor inferior às de pós-graduação, têm retorno garantido. "Os alunos que fizeram pesquisa durante a graduação terminam seus mestrados na metade do tempo que os que não fizeram", ela argumenta. Ângela discorreu sobre o Programa Especial de Treinamento (PET), no qual estão inscritos atualmente 47 alunos da UNESP, 10% do PET no país.

Criado em 1988, o PET tem como objetivo estimular a atividade científica e se caracteriza pelo desenvolvimento de atividades em grupo, coordenadas por um tutor. Ângela informou que a CAPES estuda a ampliação do programa nas modalidades PET-TEC, diretriz do governo federal para a associação aluno-empresa, e PET-Pedagogia, para atuar nos cursos de licenciatura, e acha que fortalecer e discutir o programa de pesquisa na graduação é também uma maneira de reavaliar a pós-graduação.

CIÊNCIA BÁSICA

Flávio Fava de Moraes, da FAPESP, também demonstrou preocupação com a agilização da pesquisa, com ênfase para a ciência básica. "O novo programa de tecnologia tem pontos interessantes, mas não toca nesta questão fundamental", lembrou. Fava disse ainda que os programas de iniciação científica são indispensáveis e que não temos gente para ser responsabilizada pelo desenvolvimento futuro do país.

Para Fava de Moraes, a iniciação científica oferece condições ideais para um grande desenvolvimento do aluno. "A ausência de interesses entre orientador e orientando propicia uma relação afetiva muito maior, ao contrário do que acontece no âmbito profissional", sustentou. Ele também respondeu às perguntas de alunos sobre o baixo valor das mesmas. "A idéia não é dar um salário ao aluno, até porque não é por este meio que será resolvido um problema de fundo social", disse.

Cristino Oliveira

II Congresso de Iniciação Científica: participação de 768 alunos

O problema curricular, apontado por alguns alunos como fator determinante para a não realização de pesquisas de iniciação científica, na medida em que muitas vezes os currículos privilegiam as atividades dentro das salas de aula, foi comentado pelo reitor Paulo Landim. "Os alunos devem pressionar os professores para as mudanças curriculares. Eles são os principais agentes nesta área", disse. O reitor acha que a mobilização dos alunos em busca de condições ideais de pesquisa é muito importante. Neste sentido, aliás, algumas iniciativas já foram tomadas, como a dos alunos de São José do Rio Preto, que realizaram, no ano passado, um evento interno sobre os trabalhos de iniciação científica em andamento. **Marcelo Burgos**

Mais de 500 pesquisas, em painéis e sessões

Os 552 trabalhos do II Congresso de Iniciação Científica da UNESP foram apresentados em duas modalidades: painéis, cujos textos, fotos e gráficos foram afixados em salas, onde os pesquisadores permaneceram para dar explicações e tirar dúvidas; e as sessões coordenadas de apresentação, pequenas aulas para a exposição dos temas explorados. As unidades que mais apresentaram trabalhos no evento foram a Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal (113), Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (45) e Instituto de Biociências de Botucatu (45). A seguir, o resumo de algumas pesquisas:

Mosca-do-chifre – P.F. Borges, J.L. Molero, J.H. Pontes, J.C. Reyes e R. Trevisoli (FCAV/Jaboticabal). Esta pesquisa detectou a mosca-do-chifre *(Haematobia Irritans)* em bovinos da raça Nelore, numa fazenda no município de Gurupi, estado de Tocantins. Os alunos estudaram a forma de ação desses hematófagos, que atacam os bois, debilitando-os, e levantaram propostas para evitar sua expansão para os Estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

Política & Trabalho – L.A.N. Souza (FFC/Marília). A pesquisa estuda as relações entre o Estado e os trabalhadores sem-terra que ocuparam a Fazenda Reunidas, situada no município de Promissão, interior de São Paulo, em 1988. Entre outros aspectos, são abordadas as diferenças políticas entre o grupo que ocupou as terras e os que foram cadastrados posteriormente pelo governo, após a desapropriação dos terrenos.

Cerdas de Escovas de Dentes – E.G. Jardim (FO/Araçatuba). Foram analisadas, no trabalho, onze marcas de escovas de dentes nacionais e quatro norte-americanas, no que diz respeito ao acabamento das pontas, diâmetro e acabamento das cerdas. As imagens, obtidas por lupa estereoscópica e fotomicroscópio, mostraram que nenhuma das escovas preenche os requisitos exigidos pelos especialistas.

Manipulador de Gráficos Científicos – R.F.Motoki (FE/Ilha Solteira). No projeto, foi desenvolvido um *software* explicativo para a manipulação de gráficos. Bastante fácil de ser utilizado, possibilita escalamento manual ou automático e escolha de três tipos de gráficos: linear, mono-log e di-log.

Secador Solar para Banana-Passa – A. Rodrigues, A.J. Poloni, A.M. Ramos, R.B. Barbosa, M.A. Mauro, J.F. Lopes (IBILCE/São José do Rio Preto). No trabalho, foram construídos três modelos de secadores solares para a secagem de banana-passa, altamente perecível. O que apresentou melhor desempenho foi o que combina os efeitos da convecção natural do ar através do material a ser desidratado e o pré-aquecimento do ar por meio de coletor solar plano com superfície absorvente.

VESTIBULARES

Procura por vagas cresce 15,94%

O número de inscrições para o vestibular 91 da UNESP aumentou 15,94% com relação ao ano passado. No próximo ano, 44.494 candidatos concorrerão às 4.240 vagas oferecidas pela Universidade em 120 opções de cursos. Esse crescimento confirma que o interesse pela UNESP vem aumentando ano a ano. Em 1990, foram inscritos 38.370 candidatos, 20% a mais que no anterior, que contabilizou 31.616 inscrições.

Segundo o reitor Paulo Landim, essa tendência de crescimento reflete a consolidação da imagem da UNESP enquanto instituição de ensino de qualidade. "A UNESP está se firmando junto à comunidade, através de seu trabalho", afirma . "As iniciativas adotadas há 4 ou 5 anos, como o incentivo à qualificação docente e à realização de pesquisas, estão dando resultados agora", explica.

Hélcio Toth

Vestibular 91: 44.494 candidatos

A expansão do número de inscritos não é, entretanto, a única característica deste vestibular. Outra tendência que aparece é a de o vestibular estar cada vez mais disputado por candidatos do interior. A proporção tradicional era de cerca de mais um terço de candidatos da capital para quase dois terços do interior. Desta vez, do total de inscritos, 71% são do interior. "Isso significa que está havendo um maior interesse local pela UNESP", assegura o professor Landim. "Estamos mais próximos de nossa principal clientela."

Ao lado do próprio desenvolvimento da UNESP e de seu reconhecimento pela comunidade, outros fatores que contribuíram para a maior procura dos vestibulares foram "o aumento do número de vagas em cursos noturnos e a maior divulgação da Universidade", como lembra o pró-reitor de Graduação Antonio Cesar Perri de Carvalho. O professor destaca ainda iniciativas como o programa *Venha nos Conhecer*, a *Expounesp*, a publicação do *Guia do Vestibulando*, o encarte do *Jornal Unesp Agora Vestibular* na Folha de S. Paulo e o serviço *Disque-Vestibular*.

DISQUE-VESTIBULAR

O serviço de atendimento telefônico para esclarecimento de dúvidas sobre o vestibular teve uma demanda acima das expectativas. Em apenas quatorze dias de funcionamento — de 1.º a 22 de outubro — foram feitas 1.560 consultas provenientes até mesmo de outros Estados. A maioria era de estudantes de escolas públicas, interessados em saber desde os locais de inscrição até quais os cursos oferecidos pela UNESP.

CONVÊNIO

Acordo amplia horizonte tecnológico

Equipamentos israelenses de alta tecnologia modernizam área de Exatas

Em qualquer discussão sobre avanço industrial, questões como robótica, controle numérico computadorizado e microprocessadores são assuntos obrigatórios. Para que seus alunos dominem na prática os temas que marcarão o horizonte tecnológico da década, a UNESP está instalando em sete campi o que há de mais avançado no mundo em matéria de ensino de Ciências Exatas. São equipamentos didáticos *high tech* (de alta tecnologia) destinados às áreas de Eletroeletrônica e Mecânica, que estarão integrados às aulas já no início do primeiro semestre de 1991.

O material é o resultado de um convênio feito em 1989, sob a orientação da Assessoria de Captação de Recursos Extra-Orçamentários (Acare), com entidades de Israel. Fabricados pela empresa israelense Degem Systems, os equipamentos começaram a desembarcar no Brasil no final de outubro e, até o início do ano vem, deverão estar totalmente instalados. Seu funcionamento beneficiará os campi de Guaratinguetá, Ilha Solteira, Bauru, São José do Rio Preto, Araraquara, Rio Claro e Presidente Prudente. "Vamos ficar numa condição invejável no meio universitário brasileiro", enfatiza o professor Luiz Antonio Vane, vice-diretor da Faculdade de Medicina de Botucatu e coordenador do convênio com Israel.

Para o vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento, professor Arthur Roquete de Macedo, um dos aspectos positivos do convênio — que envolve custos de cerca de US$ 17 milhões — foi a aquisição do material sem que se afetasse o orçamento da Universidade: "Todos os gastos foram cobertos pela Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado", revela. O professor Arthur também destaca os bons efeitos das máquinas e instrumentos recém-adquiridos sobre as condições de ensino da graduação e até mesmo da pós-graduação: "Haverá modernização e avanço na qualidade dos laboratórios da área de Exatas e Tecnologia, que estavam necessitando de um investimento desse porte", recorda.

RECURSOS SOFISTICADOS

O novo perfil das aulas práticas na Universidade será dado por equipamentos como o EB 2000, um sistema computadorizado de ensino de Eletrônica. "Serão dezesseis *kits*, um para cada aluno, monitorados e administrados por um microcomputador sob o comando do professor", relata Guilherme Filippo Filho, professor do Departamento de Eletricidade da Faculdade de Engenharia, campus de Guaratinguetá. De acordo com Filippo, que também é membro da Acare, o EB 2000 pode executar cerca de 600 experiências, da simulação de circuitos de corrente contínua até microprocessadores e microcontroladores — duas das últimas novidades da Informática.

Mas o EB 2000 é apenas a porta de entrada de uma sofisticada infra-estrutura de ensino. Filippo adianta que esse sistema será utilizado basicamente nos primeiros anos das Engenharias e outros cursos. "Para os últimos anos, estarão funcionando laboratórios completos", acentua, "inclusive com todos os instrumentos de medição." Seis dos laboratórios são de Eletroeletrônica: comunicações, controle de processo, eletroeletrônica industrial, eletrônica digital e microprocessadores, eletrônica analógica e, finalmente, máquinas elétricas. A eles, somam-se três laboratórios de Mecânica, sendo um de automação industrial, outro de usinagem com controle numérico computadorizado (CNC) e o terceiro, de refrigeração e ar-condicionado.

Apenas para se ter uma idéia do que estará ao alcance dos alunos, o laboratório de comunicações dará treinamento em tecnologias como fibras óticas, enquanto o de automação contará com um robô completo, dotado de visão e outras características. "Estamos preparando nosso estudante para os desafios do próximo século", assegura o professor Vane. Ele ressalta as vantagens do convênio, que garantiu, por exemplo, a presença de técnicos israelenses no Brasil, para dar treinamento aos docentes da UNESP e assistência técnica ao equipamento instalado. Entre novembro e dezembro, cerca de quinze professores dos sete campi receberão cursos sobre o novo material.

Lilo Clareto

Hélcio Toth

Vice-reitor Arthur Roquete de Macedo: melhoria das condições de ensino na graduação e pós-graduação com investimento de US$ 17 milhões

Luiz Antonio Vane, coordenador do projeto: as vantagens da tecnologia de ponta preparando alunos para o século XXI

VISITA

Pedagoga argentina assessora projeto de Educação

Os pesquisadores da UNESP ligados à Educação receberam, neste mês de novembro, a visita de uma autoridade em sua área, a pedagoga argentina Berta Braslavsky, professora honorária da Universidade de La Plata e membro do Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Buenos Aires. A professora e pesquisadora de 77 anos, que conhece diversos sistemas educacionais da Amércia Latina, esteve em São Paulo a convite da Fundunesp — Fundação para o Desenvolvimento da UNESP — para colaborar na elaboração do subsistema de regionalização do ensino do leste paulista, que tem assessoria técnica da UNESP.

Berta trouxe subsídios importantíssimos para a continuidade do programa, iniciado oficialmente em setembro último e que envolve as cidades de Casa Branca, Divinolândia, Itobi, Mococa, Santa Cruz das Palmeiras, São José do Rio Pardo, São Sebastião da Grama, Tambaú, Tapiratiba e Vargem Grande do Sul. "Esse projeto de regionalização do ensino tem dois objetivos fundamentais: reforçar o ensino básico e melhorar a formação dos professores através da reformulação do ensino superior e da reciclagem dos docentes já em atividade, pontos em que Berta poderá nos prestar uma grande ajuda", explica Odair Sass, coordenador do grupo que, através da Fundunesp, vem assessorando as dez prefeituras.

Marlene Bérgamo

Berta Braslavsky: elogios à originalidade do projeto da UNESP

ALTERNATIVA ORIGINAL

Para a professora, um dos principais pontos para o sucesso da alfabetização é a boa formação dos professores. Na sua opinião, a ligação entre o nível superior, especialmente as faculdades que formam docentes, e as escolas de 1.º e 2.º graus é um grande mérito da iniciativa da UNESP. "Esta é uma alternativa original que vou levar para meu país", assegura Berta, que conhece os sistemas escolares da Venezuela, Chile, Uruguai e América Central. Além disso, a pedagoga defende a melhoria da formação de pré-educadores e a especialização dos alfabetizadores que, para ela, deveriam receber salários maiores que os dos demais.

A professora Berta permaneceu em São Paulo de 4 a 11 de novembro. Durante sua estada, reuniu-se com os dirigentes das cidades que pretendem implantar o subsistema de educação e também com os professores da UNESP e da rede pública envolvidos no projeto dos Núcleos de Ensino. No dia 9, esteve em Rio Claro, onde ministrou uma palestra aberta ao público.

GRADUAÇÃO

Uma reflexão sobre o ensino

Debates sobre a área de Exatas encerram ciclo de seminários

Nos dias 6 e 7 de novembro, o campus de Ilha Solteira transformou-se em um palco de discussões e reflexões sobre o ensino na área de Exatas dentro da UNESP. O evento encerrou os Seminários de Ensino de Graduação, que tiveram como metas discutir a pedagogia universitária e estimular a adequação de currículos e projetos de auto-avaliação de cursos. O ciclo — que abordou anteriormente as áreas de Agrárias, Biológicas e Saúde e Humanidades — teve início em setembro e foi promovido pela Pró-Reitoria de Graduação, numa iniciativa inédita dentro da Universidade.

Enfocando a área de Agrárias, o primeiro seminário foi realizado em Jaboticabal, nos dias 18 e 19 de setembro, seguido pelo de Biológicas e Saúde, ocorrido em Araçatuba, nos dias 10 e 11 de outubro. A reunião da área de Humanidades aconteceu nos dias 18 e 19 de outubro, no campus de Marília. Discutindo questões como gestão de cursos, auto-avaliação e licenciaturas, o encontro de Humanas contou com 82 inscritos, entre coordenadores e membros de Conselhos de Cursos. Os temas abordados, no entanto, extrapolaram o programa e discutiu-se até mesmo a criação de um curso de pós-graduação em Ciências Sociais, por sugestão do reitor Paulo Milton Barbosa Landim, presente à abertura dos trabalhos.

Outro assunto bastante explorado na ocasião foi o projeto da Pró-Reitoria de Graduação que visa a constituição de grupos de apoio pedagógico a docentes. "A idéia é oferecer subsídios aos professores da UNESP que, em sua maioria, não têm formação pedagógica", define o pró-reitor Antonio César Perri de Carvalho, completando que a implantação dos núcleos multidisciplinares está prevista para março de 1991.

Lilo Cloreto

Ilha Solteira: palco de discussões sobre o ensino na área de Exatas

EXATAS

O seminário de Exatas, ocorrido em Ilha Solteira, nos dias 6 e 7 de novembro, encerrou o ciclo. "As reuniões foram muito produtivas e contaram com 51 participantes", diz Perri. Um dos pontos altos do Seminário, segundo ele, foi a discussão levantada pelo professor Arno Blass, da Universidade Federal de Santa Catarina, sobre a necessidade de enxugamento e revisão dos currículos dos cursos de Engenharia.

Para o pró-reitor, a fala de Blass foi bastante oportuna, já que enxugar currículos e reduzir cargas horárias têm sido pontos exaustivamente defendidos pelo reitor Landim e por ele próprio. "A proposta da Reitoria visa a adequação de currículos com a abertura de maior espaço para as atividades extraclasse como estágios, iniciação científica e monografias de conclusão de curso", explica.

Terminados os quatro seminários, o professor Perri contabiliza um saldo positivo. "O evento foi muito importante como estímulo ao intercâmbio entre cursos da mesma área e também como confirmação da necessidade de se priorizar o ensino de graduação e de se dar atenção à melhor formação didática dos professores", resume. Segundo Perri, vários currículos já estão passando por revisão e, em 1991, as reuniões sobre o ensino deverão ter continuidade.

POSSE

CEA já tem diretoria

O Centro de Estudos Ambientais (CEA) já tem constituída sua primeira diretoria. Comandarão o mais novo centro criado na Universidade a professora Sâmia Maria Tauk, do Departamento de Ecologia do Instituto de Biociências (IB) do campus de Rio Claro, como diretora, e o professor João Antônio Galbiatti, do Departamento de Engenharia Rural da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) do campus de Jaboticabal, como vice-diretor. Os professores, indicados para os cargos pelo reitor Paulo Milton Barbosa Landim, foram empossados no último dia 10 de outubro, em solenidade realizada na Reitoria.

Embora criado oficialmente há apenas sete meses, o CEA iniciou suas atividades em janeiro de 1988, tendo como sede o campus de Rio Claro. Desde esta época, a professora Sâmia vem percorrendo os quinze campi da UNESP, colhendo nomes de docentes interessados em participar do novo centro. "De lá para cá, cadastramos 300 pesquisadores e realizamos vários eventos", contabiliza a diretora.

Além de ter como metas integrar o trabalho de pesquisadores de diferentes áreas no desenvolvimento de programas relacionados ao meio ambiente e realizar pesquisas visando o diagnóstico e a solução de problemas ambientais, também são objetivos do CEA a capacitação e o aperfeiçoamento de recursos humanos, inclusive com a criação de um curso de pós graduação. "O curso deverá ter um enfoque interdisciplinar, com a abordagem das questões ambientais por diferentes profissionais", diz o vice-diretor Galbiatti. As aulas deverão ter início no segundo semestre de 1991.

Hélcio Toth

Sâmia e Galbiatti: diretoria do CEA

Logotipo para o CEA. Quem se candidata?

O Centro de Estudos Ambientais (CEA), da UNESP, está abrindo concurso para a criação de seu logotipo. Os interessados devem enviar a arte final, com indicação de cor, para a professora Sâmia Maria Tauk (diretora do CEA), no Departamento de Ecologia, Instituto de Biociências do campus de Rio Claro, caixa postal 178, CEP 13500. Prazo final: 15 de fevereiro de 1991. Maiores informações, pelo telefone (0195) 34-0244, ramais 30 e 31.

MEIO AMBIENTE

Centro de análise ambiental inaugura sede

Recuperar uma área degradada é menos viável economicamente do que estabelecer uma ação planejada de ocupação do solo e uso dos recursos naturais. É nesse sentido que se torna fundamental a atividade do Centro de Análise e Planejamento Ambiental (CEAPLA), uma unidade auxiliar do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) do campus de Rio Claro, que inaugurou sua sede no dia 23 de novembro.

Criado no início do ano passado, o Centro visa desenvolver metodologias para análise e planejamento ambiental, através de técnicas de sensoriamento remoto e sistemas de informação geográfica. Além disso, faz parte de seus objetivos criar soluções para problemas específicos de uma região, seja realizando estudos prévios de impacto ambiental, planejando o uso da terra ou reabilitando áreas degradadas. "Acabamos de ter aprovado um projeto, junto ao CNPq, para reabilitação de uma área desgastada pela mineração de calcário aqui na região de Rio Claro", cita o professor Gilberto José Garcia, supervisor do CEAPLA.

O Centro atua ainda na prestação de serviços à comunidade, através de convênios de cooperação com prefeituras, institutos de pesquisa e órgãos governamentais. No ensino, contribui para o aperfeiçoamento e treinamento de pessoal como, por exemplo, com o IV Curso de Especialização "Sensoriamento Remoto: Princípios e Interpretação de Imagens na Análise Ambiental", que teve início em 1.º de outubro e prosseguirá até 14 de dezembro. "Estão freqüentando as aulas 32 profissionais ligados às Geociências, vindos de vinte estados brasileiros", comenta Garcia.

Fazem parte do CEAPLA 26 pesquisadores da UNESP, pertencentes ao próprio IGCE e ao Instituto de Biociências de Rio Claro, à Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal e ao Instituto de Pesquisas Meteorológicas de Bauru. Mas o Centro está aberto também à participação de pesquisadores de qualquer instituição. "Mais de trinta profissionais de outras universidades, institutos de pesquisa e secretarias de Estado já estão incorporados aos 28 projetos propostos e em andamento", explica o professor.

Com 850 metros quadrados de área construída, a sede do CEAPLA, no campus da Bela Vista, em Rio Claro, concentrará as atividades do grupo de pesquisadores e agrupará seus equipamentos em cinco laboratórios - de Geocartografia, de Interpretação de Imagens, de Aerofotogrametria e Fotointerpretação, de Análises Meteorológicas e o Didático. Além disso, o prédio comporta uma biblioteca especializada, uma sala de seminários e outras doze para pesquisadores, professores visitantes, bolsistas e estagiários.

Hélcio Toth

Garcia, do CEAPLA: prestação de serviços na área ambiental

AGENDA

BOTUCATU

- 4 a 6/12. Apresentação do grupo musical "Sangue na Veia", no IB. Promoção da Comissão Local de Atividades Culturais.
- 5/12. Seminário, no IB: "O professor e o currículo de Ciências", com a professora Clarice Sumi Kawasaki. Promoção do Departamento de Educação.

SÃO PAULO

- 5/12. Apresentação do Grupo de Percussão do IA, na Reitoria. Promoção da Coordenadoria do Programa de Atividades Culturais da Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários (PROEX) e apoio da Associação dos Servidores da Reitoria da UNESP.
- 15/12. Apresentação do grupo "Moxotó" e do Coral da Reitoria, na Administração Regional de São Miguel Paulista. Promoção da Coordenadoria do Programa de Atividades Culturais da PROEX.

Avaliação arma o salto de qualidade

A auto-avaliação combate a rotina e a atuação cartorial, proporcionando a reflexão curricular

Antonio Cesar Perri de Carvalho

Marcos Marques

A implementação do projeto de auto-avaliação de cursos da UNESP, pela Pró-Reitoria de Graduação, integrou a atribuição do Conselho de Curso de Graduação, já por ocasião de sua instalação. Essa incumbência, prevista pela Resolução UNESP n.º 53, que estabeleceu as competências dos Conselhos de Cursos, de partida ensejou a estes uma tarefa muito nobre e relevante.

Além de se evitar a rotina e a atuação cartorial, a auto-avaliação de curso se insere na proposta de gestão do magnífico reitor, que estabelece o ano de 1992 como o da avaliação interna da Universidade.

A área acadêmica é uma etapa relevante e deve ser a inicial para se amadurecer o projeto de avaliação global da Universidade. Inclusive, oportunamente, 1990 está sendo considerado como o "ano do ensino". É o imprescindível passo da sensibilização e conscientização para uma futura auto-avaliação global.

Reuniões, palestras de intercâmbio de outras universidades, distribuição de textos e de relatórios alimentaram o processo.

Por ocasião dos Seminários de Ensino de Graduação, efetivados por áreas de conhecimento, a auto-avaliação de curso foi o tema comum. Depois de um ano, quase todas as unidades da UNESP e cerca da metade de seus cursos já estão com o processo em andamento.

Resultados preliminares e parciais já são divulgados e caminham para a operacionalização. O perfil do profissional a ser formado, a reflexão curricular e a melhoria do processo de ensino-aprendizagem balizam a auto-avaliação de curso, que deve ser entendida como um processo de acompanhamento.

Paralelamente, desenvolvem-se outros esforços de avaliação. Docentes vinculados às diversas matérias que integram o programa do vestibular constituem seminários quinzenais, para uma efetiva adequação das questões do vestibular ao currículo de 1.º e 2.º graus.

O projeto de melhoria das condições dos cursos noturnos, elaborado pela Pró-Reitoria de Graduação, entra em fase de discussão no CEPE, oferecendo a contribuição qualitativa à expansão das vagas no período noturno. Entre o Vestibular de 1989 e o de 1991 há um acréscimo de 400 vagas no período noturno. Estas já alcançam 27,83% do total de vagas da UNESP.

O sucesso dos dois Congressos de Bolsistas de Iniciação Científica da UNESP reafirma a importância da necessidade da revisão curricular para se valorizarem as atividades extraclasse e a diferenciação do aluno com potencial para ser multiplicador. Com certeza, este será um profissional ou um pós-graduando melhor preparado.

As diversas fontes de atuação encetadas por ocasião do "ano do ensino" transformam a UNESP em uma universidade dinâmica e atualizada. Fortalecem-se os elos, que seriam naturalmente mais frouxos pela sua peculiaridade multicampi.

O delineamento de mudanças acadêmicas, o revigoramento de cursos e um trabalho mais intenso em torno de sua própria imagem, inclusive, justificam a opção crescente dos vestibulandos pela UNESP, mas, acima de tudo prenunciam a armação para o salto de qualidade.

Antonio Cesar Perri de Carvalho é pró-reitor de Graduação

TESES, DISSERTAÇÕES E CONCURSOS

DOCENTES

• **Fernando Carlos de Lander Schmitt** (FM-Botucatu): "Efeito do jejum prolongado na etapa de iniciação em um modelo de hepatocarcinogênese quimica em ratos". **Banca:** João Lauro Viana de Camargo, Marcos Rossi, João Carlos Prolla, Édson Reis Lopes e Venâncio Ferreira Alves. **Doutorado,** dia 26 de junho, na FM.

• **Ariovaldo Antônio Martins** (FO-Araçatuba): "Modificações morfológicas da articulação temporomandibular do macaco-prego *(Cebus apella)* adulto após a diminuição da dimensão vertical de oclusão. Estudo através da mesoscopia, microscopia óptica e microscopia eletrônica de varredura". **Banca:** Miguel Carlos Madeira, Maria Tereza Girotto Matheus, Sylvio Simões, Valdemar de Freitas e Luís Roberto de Toledo Ramalho. **Livre-docência,** dias 26 e 27 de julho, na FO.

• **Victalina Maria Pereira Di Gianni** (FHDSS-Franca): "A convivência social do idoso francano". **Banca:** Suzana Aparecida Rocha Medeiros, Alzira Lobo Arruda Campos e Neide Aparecida Lehfeld. **Mestrado,** dia 27 de julho, na PUC.

• **Ivone Tambelli Schmidt** (FCL-Assis): "Stress ocupacional no ambiente acadêmico universitário". **Banca:** Esdras Guerreiro Vasconcellos, Nilce Pinheiro Mejias, Katsumasa Hoshino e Sônia Moraes Gaehn. **Doutorado,** dia 30 de julho, na USP.

• **Noemia Pereira Neves** (FHDSS-Franca): "Nadir Gouvea Kfouri: O saber e a prática do serviço social no Brasil (1940-1960)". **Banca:** Paulo de Tarso Oliveira, Neide Aparecida Lehfeld e Mírian Veras Baptista. **Doutorado,** dia 8 de agosto, na PUC.

• **Lúcio Benedito Kroll** (IB-Botucatu): "Estudo do crescimento de vacas leiteiras através de modelos com autocorrelação nos erros". **Banca:** Martha Maria Mischan, Alcids Amorim, Carlos Roberto Padovani, Luiz de Souza e Antônio Francisco Iemma. **Doutorado,** dia 9 de agosto, no IB.

• **Sebastião de Souza Lemes** (FCL-Assis): "A formação do licenciado em Quimica e suas perspectivas de atuação no magistério: analisando as informações prestadas pelos docentes nela atuantes". **Banca:** Myrtes Alonso, Cláudio de Souza e Maria da Graça Nuzukami. **Mestrado,** dia 27 de agosto, na UFSCar.

• **Helena Ferreira** (FMVZ-Botucatu): "Alotransplantes de pele em gatos *(Felis catus)*: Estudos histopatológico e imuno-histológico". **Banca:** Márcio Rubens Graf Kuchembuck, Cid Figueiredo, Carlos Eduardo Larsson, Maria Helena Matiko Akao Larsson e Mitika Kuribayashi Hagiwara. **Livre-docência,** 29, 30 e 31 de agosto, na FMVZ.

• **Antônio Carlos Cicogna** (FM-Botucatu): **Banca:** Álvaro Oscar Campana, Paulo José Ferreira Tucci, Silvio dos Santos Carvalhal, Ênio Búffolo e Eulógio Emílio Martinez Filho. **Concurso,** dias 30 e 31 de agosto, na FM.

• **Paschoal Barreti** (FM-Botucatu): "Influência do teor proteico da dieta sobre a evolução da nefropatia por adriamicina". **Banca:** Victor Augusto Soares, Nestor Schor e Roberto Zatz. **Mestrado,** dia 31 de agosto, na FM.

• **Silvio José Bicudo** (FCA-Botucatu): "Subsolador: Relações entre profundidade de trabalho, largura das sapatas e número de hastes". **Banca:** Sérgio Hugo Benez, Kleber Pereira Lanças, Luiz Malcolm Mano de Mello, Luiz Carlos Beduschi e Paulo Sérgio Graziano Magalhães. **Doutorado,** dia 10 de setembro, na FCA.

ALUNOS

• **José Armando Xavier** (FCA-Botucatu): "Estudo da otimização dos tempos de secagem e repouso do café, em secadores intermitentes". **Banca:** Jayme de Toledo Piza e Almeida Neto, Widsney Alves Ferreira e Paulo César Rakuk. **Mestrado,** dia 23 de julho, na FCA.

• **Hélio Izioca** (FCA-Botucatu): "Estudo de cinco niveis de torta de mamona, na ausência e presença de nitrogênio em cobertura, na cultura do alho *(Allium sativum* L.) cv. roxo pérola de caçador". **Banca:** Júlio Nakagawa, Paulo Donato Castellane e Tosiaki Kimoto. **Mestrado,** dia 26 de julho, na FCA.

• **Maria Margareth Theodoro Caminhas** (IB-Botucatu): "Estudo de variáveis eritrocitárias e polimórficas do sangue de bovinos". **Banca:** Jehud Bortolozzi, Gilberto Pedroso da Rocha, Paulo César Naoum, Lúcia Luísa de Panepucci e Wilson Nakamoto. **Doutorado,** dia 30 de julho, no IB.

• **Ângela Marta Minarelli** (IB-Botucatu): "Efeitos de diferentes niveis de umidade do solo e fitorreguladores em feijoeiro". **Banca:** José Figueiredo Pedras, José Antônio Proença Vieira de Moraes e Selma Dzimidas Rodrigues. **Mestrado,** dia 2 de agosto, no IB.

• **Janan Bolivia Schabib Hany** (IGCE-Rio Claro): "A origem da Matemática". **Banca:** Irineu Bicudo, Eurides Alves de Oliveira e Ubiratan D'Ambrosio. **Mestrado,** dia 10 de agosto, no IGCE.

• **Maria Izabel Barnez Pignata** (IB-Rio Claro): "Análise genética e morfológica do aparelho bucal de algumas espécies de abelhas da familia Apidae". **Banca:** Antônio Carlos Garros Stort, José Chaud Netto e Regina Helena Nogueira Couto. **Mestrado,** 10 de agosto, no IB.

• **Marisa de Oliveira Fernandes** (IB-Botucatu): "Crescimento heterogêneo na tilápia-do-nilo *(Oreochromis niloticus).* Possibilidade de participação da diferença de metabolismo induzida pelo estresse social". **Banca:** Gilson Luiz Volpato, Wemer Schmidek e José Luiz de Moura. **Mestrado,** dia 21 de agosto, no IB.

• **Édison Calixto da Fonseca** (FO-Araçatuba): "Quantificação dos íons sódio, potássio, fosfato e cálcio na saliva mista de ratos lesados na eminência mediana do hipotálamo. Análise fotométrica, espectrofotométrica e titulométrica". **Banca:** Almir Lima de Castro, Antônio Francisco Durighetto Júnior, Alceu Sérgio Trindade Júnior, Pedro Ângelo Cintra e Acyr Lima de Castro. **Doutorado,** dia 23 de agosto, na FO.

• **Míriam Hisami Miyano** (IQ-Araraquara): "Preparação, caracterização e estudo do comportamento térmico dos 4-Dimetilaminobenzalpiruvatos de Lantanideos (III) e de Ítrio (III) no estado sólido". **Banca:** Massao Ionashiro, Ivo Giolito e Cristo Bladimiros Melios. **Mestrado,** dia 24 de agosto, no IQ.

• **Sílma Regina Pereira Martins** (IBILCE-São José do Rio Preto): "Variações em componentes do valor adaptativo de populações pequenas de *Drosophila simulans*". **Banca:** Celso Abbade Mourão, Hermione Elly Melara de Campos Bicudo e Warwick Estevam Kerr. **Mestrado,** dia 24 de agosto, no IBILCE.

• **Elza Midori Hashimoto** (IBILCE-São José do Rio Preto): "Estudo cromossômico em linfócitos de aplicadores de inseticidas". **Banca:** Marileila Varella Garcia, Dértia Villalba Freire-Maia e Maria Astride Saad Corradi. **Mestrado,** dia 31 de agosto, no IBILCE.

• **Geraldo Antônio Bérgamo** (IGCE-Rio Claro): "Ideologia e contra-ideologia na formação do professor de Matemática". **Banca:** Mário Tourasse Teixeira, Roberto Ribeiro Baldino e Betty Antunes de Oliveira. **Mestrado,** dia 10 de setembro, no IGCE.

• **Maria Santina de Castro Morini** (IB-Rio Claro): "Capacidade reprodutiva de rainha de *Apis mellifera* L. (Hym., Apidae) e sua relação com alguns fatores ambientais". **Banca:** Odair Correa Bueno, Osmar Malaspina e Zilá Luz Paulino Simões. **Mestrado,** dia 11 de setembro, no IB.

GENÉTICA

De Lucca: contato com animais raros

Casal de ararinhas-azuis em cativeiro: união após sexagem em Jaboticabal

Fotos Hélcio Toth

Giannoni: no comando da equipe

Macho ou fêmea? A resposta salva as aves

Método de sexagem através das penas ajuda reprodução de espécies raras

No Brasil se concentra um dos mais variados elencos de aves do mundo. Das 9.021 espécies conhecidas, 1.590 estão no país, ou seja, de cada seis espécies, pelo menos uma faz seu ninho em território brasileiro. Mas as cores e o canto desse patrimônio natural estão desaparecendo, com o desmatamento e outras conseqüências da ação humana. Sua sobrevivência depende hoje da reprodução promovida por zoológicos e outras instituições do gênero, além de alguns criadores particulares. A formação de casais para procriação, no entanto, às vezes esbarra em grandes dificuldades, como a definição do sexo — ou sexagem — de algumas aves.

A tarefa se torna especialmente difícil no caso de araras, papagaios e outros representantes da ordem dos psitacídeos, que possuem uma acentuada semelhança entre machos e fêmeas. Por causa disso, certos especialistas costumam analisar o comportamento dos animais, um recurso precário, já que eles com freqüência mudam seus hábitos em cativeiro. Outra alternativa é a cirurgia para examinar os órgãos reprodutores dessas aves, que são internos, método que coloca em risco sua própria vida.

O dilema começou a ser resolvido a partir de 1989, quando os especialistas passaram a ter ao seu alcance uma técnica de sexagem de aves desenvolvida nos campi da UNESP de Botucatu e Jaboticabal. Embora tenha surgido de forma independente nos dois locais, a técnica é praticamente a mesma e nasceu da adaptação de um método japonês, que utiliza as penas dos animais (*veja quadro nesta página*). "Hoje, esse é o recurso mais prático e barato de que dispomos, além de ter a vantagem de não causar danos à ave", afirma o presidente da Sociedade de Zoológicos do Brasil, Luiz Antonio Pires. "Por isso, estamos incentivando a sua disseminação".

ENSINO DA TÉCNICA

A entidade que Pires preside, em colaboração com a UNESP de Botucatu, vem promovendo cursos sobre sexagem através das penas. Entre agosto e outubro de 1990, foram realizados três cursos, em Bauru, Curitiba e Goiânia, que reuniram 29 técnicos de onze zoológicos do Brasil. "A receptividade foi muito boa e esperamos, em breve, promover um curso no Recife", destaca Edmundo José de Lucca, professor do Departamento de Genética do Instituto de Biociências (IB), campus de Botucatu. Há cerca de dois anos, De Lucca está envolvido com a técnica, que aprimorou junto com outro docente do IB, Guaracy Tadeu Rocha. "Já sexamos entre 25 e trinta animais", estima Rocha, assinalando que esse trabalho beneficiou zoológicos e criadores particulares do país inteiro.

Enquanto em Botucatu é acentuada a divulgação pedagógica da nova técnica, em Jaboticabal ocorre um intenso trabalho de campo. Desde que começaram a aplicar o processo, há um ano e meio, os pesquisadores da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) já se deslocaram para lugares como a Foz do Iguaçu (PR) e o Rio de Janeiro, atendendo zoológicos e proprietários particulares de animais. "Realizamos por volta de quinhentas sexagens, além de cursos para sete técnicos da área", calcula José Maurício Duarte, do Departamento de Melhoramento Genético Animal da FCAV. Duarte e De Lucca acentuam que os dois campi também colaboram entre si, através da troca freqüente de informações.

Em alguns casos, a FCAV e o IB prestam serviços às mesmas instituições, como, por exemplo, o Parque Zoológico Municipal Quinzinho de Barros, de Sorocaba. Cecília Pessuti, bióloga do Zoológico, lembra que aprendeu a técnica de sexagem com o professor Guaracy Rocha, de Botucatu, em 1989. "A partir de então, adquirimos os equipamentos e substâncias que usamos no processo", diz. Vários animais de Sorocaba, de acordo com Pessuti, já foram sexados com a ajuda do professor Duarte, de Jaboticabal, entre eles ararajubas e papagaios-moleiros, duas espécies em extinção. "Já formamos os casais para reprodução e estamos aguardando os resultados", adianta a bióloga.

ARARINHAS-AZUIS

O processo de acasalamento das aves é delicado e depende de fatores como o local onde elas são mantidas. "O barulho excessivo, por exemplo, pode causar estresse nos animais e impedir a sua reprodução", alerta Werner Bokermann, chefe do Setor de Aves do Zoológico de São Paulo. Bokermann é membro do Comitê Internacional de Recuperação da Ararinha-Azul, que centraliza os esforços para salvar do desaparecimento essa espécie originária do norte da Bahia. "Hoje, no mundo inteiro, existem no máximo trinta ararinhas-azuis registradas em cativeiro, sendo que seis estão no Brasil", enumera ele. Quatro dessas aves habitam o Zoológico de São Paulo — três machos e uma fêmea — e todas foram sexadas pelos pesquisadores de Jaboticabal.

A equipe da FCAV é encabeçada pela professora Miriam Luz Giannoni, chefe do Departamento de Melhoramento Genético Animal. "Fomos encarregados pelo Comitê de sexar todas as aves dessa espécie de psitacídeos existentes no Brasil, inclusive a de criadores particulares", explica. Um desses criadores, Nelson Kawall, de São Paulo, sabia que a ararinha-azul que possuía era fêmea — ela já havia posto alguns ovos —, mas precisou fazer sua sexagem: "O Comitê, do qual também faço parte, determina que todos os exemplares conhecidos sejam sexados", informa Kawall.

O contato contínuo com zoológicos e criadores é muito bem-visto pelo professor Edmundo de Lucca. Na sua opinião, os benefícios não ficam apenas nas mãos das instituições e proprietários particulares, que recebem conhecimento e tecnologia gerados pela UNESP. "Nós também temos acesso a um material de pesquisa valioso, já que entramos em contato com aves em extinção ou de difícil captura", recorda De Lucca. O professor ressalta ainda que, além dos psitacídeos, outro trabalho de sexagem significativo vem sendo feito com a ordem dos tinamiformes, como o macuco, a perdiz ou o nhambu, aves que hoje sobrevivem quase exclusivamente sob o abrigo dos zoológicos.

André Louzas

Unidades usam o mesmo processo

Com diferenças mínimas de procedimento, as técnicas de sexagem desenvolvidas em Jaboticabal e em Botucatu podem ser descritas da mesma forma. O processo exige equipamentos relativamente simples, como uma centrífuga e um microscópio, além de substâncias químicas de preço acessível. Inicialmente, retiram-se algumas penas da região da cauda, dorso ou de sob a asa da ave. Após um período de dez a quinze dias, coletam-se as penas que substituíram as já arrancadas, colhendo-se então a polpa — tecido que fica na parte inferior das penas jovens.

Esse tecido é colocado numa substância que estimula a reprodução das células e, em seguida, a divisão celular é interrompida por uma droga chamada colchicina. O material vai então para uma centrífuga, onde recebe uma solução hipotônica, cuja função é romper a membrana que envolve as células e liberar os cromossomos. Para que os cromossomos não se deteriorem, acrescenta-se uma solução fixadora.

Reprodução

Um único cromossomo Z: fêmea

O resultado de todas essas operações é depositado numa lâmina, recebe uma substância corante e é examinado ao microscópio. A descoberta do sexo se faz pelo exame dos cromossomos. Nas aves, ao contrário dos mamíferos, são os machos que possuem um par de cromossomos sexuais idênticos (no caso, ZZ). As fêmeas possuem um cromossomo Z e outro W. **(A.L.)**